

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Fernanda de Moraes Alves Rodrigues

**Expressividade na locução comercial radiofônica: análise dos
efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica**

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

São Paulo
2010

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Fernanda de Moraes Alves Rodrigues

**Expressividade na locução comercial radiofônica: análise dos
efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do Título
de MESTRE em Fonoaudiologia pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, sob a
orientação da Prof^a Dr^a Léslie Piccolotto Ferreira.

São Paulo
2010

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em sua forma impressa, como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da tese/dissertação.

RODRIGUES, Fernanda de Moraes Alves

**Expressividade na locução comercial radiofônica:
análise dos efeitos de uma intervenção fonoaudiológica /**
Fernanda de Moraes Alves Rodrigues – São Paulo, 2010.

Viii, 97 f.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo – Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia

Expressivity in radiophonic commercial broadcasting: a
speech therapy intervention analysis.

1. Voz 2. Comunicação 3. Rádio

Banca Examinadora

“Uma mesma palavra, expressa por seis entonações diferentes, apresenta também seis significados diversos. A palavra, nesse caso, serviu apenas como veículo para a expressão das entonações, como se as entonações é que tivessem a mesma função.” (Märtz, 2002:106)

Dedicatória

Ao Junior, pela paciência, carinho e compreensão e aos meus pais, Fernando e Sônia, pelo constante incentivo, amor incondicional em todas as etapas da minha vida e por acreditarem e sempre apostarem em meus sonhos.

Agradecimentos

Ao autor e consumidor da minha vida: Deus, que me fez forte em todos os momentos de fraqueza.

À querida orientadora Prof^a Dr^a Léslie Piccolotto Ferreira pelos ensinamentos, pelo exemplo de profissional e pela amizade de todas as horas. Muito obrigada por me acolher e por me guiar nesta trajetória.

À grande mestra Prof^a Dr^a Leny Kyrillos que me fez ver com outros olhos o nosso papel frente aos comunicadores de rádio e TV. Obrigada pelos ensinamentos, pelas oportunidades cedidas e por tantas contribuições.

Às fonoaudiólogas Dr^a Iara Bittante, Ana Carolina Ghirardi e Dr^a Marta Assumpção pelas excelentes contribuições. Suas sugestões, críticas e elogios foram fundamentais para a concretização deste sonho.

À grande amiga e fonoaudióloga Andréia Ester Puhl que participou deste trabalho, indiretamente, com sugestões, apoio e carinho sempre presentes.

Aos integrantes do Laborvox que acompanharam o andamento desta jornada.

Aos meus tios, Neusa e Marcelo, e à minha avozinha, Romana, que colaboraram com esta pesquisa.

Aos amigos que, indiretamente, fizeram parte desta história e aos amigos locutores que colaboraram com ideias e sugestões: Alexandre Cassiano e Hamilton de Paula.

À Clélia Riquino, por sua paciência e dedicação em revisar esta pesquisa.

Ao diretor da Escola de Formação de Radialistas, Cyro César, por ceder o espaço e por acreditar e incentivar o crescimento da Fonoaudiologia.

À CAPES, pela bolsa de estudo concedida.

Aos participantes e juízes desta pesquisa. Obrigada por tudo!

RODRIGUES, Fernanda de Moraes Alves. Expressividade na locução comercial radiofônica: análise dos efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

RESUMO

Introdução: Hoje, são considerados bons locutores aqueles que têm a comunicação natural e espontânea, ou seja, semelhante à fala habitual, fato que favorece a proximidade com os ouvintes. O termo expressividade, na Fonoaudiologia, vem sendo usado associado à ideia de atribuir à fala, alegria, confiança, dinamismo, credibilidade e/ou naturalidade. Ao falar ao microfone, cabe ao locutor a tarefa de conduzir o ouvinte pela viagem da escuta, estimulando a imaginação, tanto para quem fala, quanto para quem escuta. Espera-se que a fala seja com expressão, isto é, com a eliminação de tudo que provoque tensão, e possa, assim, envolver o ouvinte, que busca não apenas a informação, mas a experiência de ouvir, criar e imaginar. Acredita-se que trabalhar as habilidades comunicativas, por meio do treinamento da escuta, sensibiliza o profissional a conhecer melhor os efeitos de uma fala construída e, assim, torna-o mais confiante em sua atuação com a utilização de recursos e ajustes considerados próprios da comunicação radiofônica. **Objetivo:** Investigar o impacto da intervenção fonoaudiológica na expressividade, durante a leitura de uma locução comercial. **Métodos:** O estudo foi realizado com 22 estudantes de um curso de formação de radialistas, sendo 15 do sexo masculino (68,18%) e 7 do sexo feminino (31,81%). Os estudantes foram submetidos à intervenção fonoaudiológica, em sete encontros, com carga horária total de 21 horas, e gravaram uma mesma locução comercial varejo, antes e após a intervenção. Foi baseada em atividades vivenciais, com foco principal no trabalho de ênfase, bem como a sensibilização de seu uso nos diferentes contextos comunicativos da fala radiofônica. As vozes de cada sujeito foram editadas e apresentadas em ordem aleatória, aos pares, a 40 ouvintes de rádio. Cada juiz foi orientado a ouvir as duas vozes, de cada sujeito, e marcar em um protocolo, previamente estabelecido, se as vozes eram iguais ou diferentes. Caso fossem diferentes, deveriam escolher qual a melhor, a primeira ou a segunda. Em seguida, a fonoaudióloga responsável pela pesquisa analisou a melhor e a pior voz segundo a análise dos ouvintes de rádio. **Resultados:** A análise demonstrou que o maior número de vozes pós-intervenção foi considerado melhor (19 referentes a 86,36%), seguido pelas vozes consideradas como iguais e piores na pós-intervenção (3 correspondentes a 13,64%). Na avaliação fonoaudiológica, foram analisadas três vozes: a pior e duas melhores, que empataram no julgamento dos juízes, e, dentre estas, os fatores que diferenciaram as mesmas foram: a modulação, o *loudness* e o ataque vocal. **Conclusões:** Pode-se concluir que, para os ouvintes de rádio, as vozes melhoraram após a intervenção fonoaudiológica, o que sugere que a intervenção, com foco nas habilidades de percepção e escuta do uso dos recursos vocais, pode contribuir na expressividade, por ocasião da capacitação de futuros profissionais.

Palavras-chave: Voz, Comunicação e Rádio.

RODRIGUES, Fernanda de Moraes Alves. Expressivity in radiophonic commercial broadcasting: a speech therapy intervention analysis. [Dissertação de Mestrado] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

ABSTRACT

Introduction: The communicative competence of a radio announcer develops every day and it's not currently necessary the call "voice placement" as required before to be acted. Today the ones considered good radio announcers are who has a natural and spontaneous communication, that is, similar to regular speech, a fact that promotes the proximity to the listeners. The term expressiveness in speech therapy has been used associated to the idea of attributing to speech, joy, confidence, dynamism, credibility and/or naturalness. Although the positive aspect is being emphasized in this direction, the expressive speech shall convey emotions and attitudes of all natures, both positive and negative. While speaking into the microphone it's the speaker task, leading the listener by the journey of listening, propitiating imagination to both speaker and listener. It's hoped that the speech would be expressive, in other words, with the elimination of anything that causes tension, and thus may involve the listener that seeks not only information, but the experience of listening, creating and imagining. It's believed that work on communication skills through listening training moves the professional to better understand the effects of a built speech and thus makes him more confident in his performance with the use of resources and adjustments considered the own radio communication. **Purpose:** To investigate the impact of speech therapy intervention in the expressiveness during the reading of a commercial speech. **Methods:** The study was made with 22 students in a radio announcing course, being them 15 males (68.18%) and 7 females (31.81%). The students were submitted to the speech therapy intervention in seven meetings, and recorded the same retail trade locution before and after the intervention. The voices of each person were edited and presented in random order, in pairs, to 40 radio listeners. Each judge was instructed to listen to the two voices of each person and score on a previously established protocol if the voices were the same or different. If they were different, they should choose the best voice, the first or second. Afterwards, the research responsible pathologist analyzed the best and the worst voice according to the radio listeners analysis. **Results:** The analysis showed that the greatest number of post intervention voices was considered the best (19% to 86.36%), followed by the equal and worse voices in the post (3 to 13.64%). In clinical evaluation it was analyzed three voices: the worst and best two that tied on the judges' trial, but being the determined choice factors: the modulation, the loudness and vocal attack. **Conclusions:** It can be concluded that in the radio listeners view, the voices get improved after the speech therapy intervention, which suggests that intervention with a focus on the perception and listening skills on the vocal resources use, can contribute to the expressiveness in occasion of the future professionals training.

Keywords: Voice, Communication, Radio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVO	15
3 REVISÃO DA LITERATURA	16
3.1 Pesquisas genéricas relacionadas à expressividade	16
3.2 Estudos de intervenção com locutores de rádio.....	21
3.3 Estudos relacionados à locução comercial radiofônica.....	26
3.4 Estudos relacionados aos recursos de expressividade.....	27
3.4.1 Uso de ênfases	27
3.4.2 Uso de pausas como recurso de ênfase.....	29
3.4.3 Variação do <i>pitch</i> como recurso de ênfase	31
3.4.4 Outras correlações no uso dos recursos vocais	32
4 MÉTODOS	36
4.1 Delineamento do estudo	36
4.2 Aspectos éticos	36
4.3 Seleção dos participantes	36
4.4 Caracterização da escola.....	37
4.5 Procedimentos utilizados	37
4.5.1 Caracterização da dinâmica do curso de locução.....	37
4.5.2 Descrição do público-alvo da intervenção	38
4.5.3 Coleta e edição da amostra de fala	38
4.5.4 Avaliação do processo de intervenção pelos juízes.....	39
4.5.5 Avaliação fonoaudiológica	40
4.6 Análise dos resultados	40
4.7 Descrição do processo de intervenção	43
4.7.1 Primeiro encontro.....	43
4.7.2 Segundo encontro.....	44
4.7.3 Terceiro encontro.....	45
4.7.4 Quarto encontro	46
4.7.5 Quinto encontro	47
4.7.6 Sexto encontro.....	48
4.7.7 Sétimo encontro.....	48
5 RESULTADOS	49

6 DISCUSSÃO	55
7 CONCLUSÕES	66
8 REFERÊNCIAS	67
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	73
ANEXOS	74
ANEXO 1 – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP	75
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO AOS ALUNOS DE UM CURSO DE LOCUÇÃO.....	76
ANEXO 3 – PERFIL DOS OUVINTES DE RÁDIO.....	77
ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO AOS JUÍZES	78
ANEXO 5 – FOLHA COM AS INSTRUÇÕES PARA A ANÁLISE.....	79
ANEXO 6 – PROTOCOLO PARA ASSINALAR AS RESPOSTAS.....	80
ANEXO 7 – PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA (ADAPATADO DE FARGHALY E ANDRADE, 2008)	82
ANEXO 8 – FRASES COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA	84
ANEXO 9 – AQUECIMENTO VOCAL (KYRILLOS, 2004)	85
ANEXO 10 – LOCUÇÃO – NOTÍCIA.....	86
ANEXO 11 – EXERCÍCIOS DE AMPLITUDE E PRECISÃO ARTICULATÓRIA	87
ANEXO 12 – EXERCÍCIOS	88
ANEXO 13 – LOCUÇÃO COMERCIAL	90
ANEXO 14 – FRASES – ÊNFASES.....	91
ANEXO 15 – EXERCÍCIO – PAUSAS.....	92
ANEXO 16 – TEXTO.....	93
ANEXO 17 – TEXTO EXERCÍCIO DE VELOCIDADE, <i>LOUDNESSE PITCH</i>	94
ANEXO 18 – TEXTOS	95

1 INTRODUÇÃO

Entende-se por locução um modo especial de falar, maneira de dizer ou parte de um roteiro que contém as falas do locutor. Por sua vez, locutor é o profissional encarregado de ler textos, de irradiar ou apresentar programas, ao microfone, das estações radioemissoras ou televisoras. (FERREIRA ABH, 2005)

O locutor pode desempenhar seu trabalho em emissoras de frequência modulada (FM) ou amplitude modulada (AM). De acordo com a emissora, a forma de comunicação faz-se de maneira diferenciada. Em FM, fala-se de forma mais sintética e objetiva. Em AM, o comunicador tem mais tempo para falar, em razão do formato da programação. (CÉSAR, 2009)

A competência comunicativa de um locutor de rádio evolui a cada dia e, atualmente, não é mais necessária a chamada “impostação vocal” requerida antes para atuar. Hoje, são considerados bons locutores aqueles que têm a comunicação natural e espontânea, ou seja, semelhante à fala habitual, fato que favorece a proximidade com os ouvintes.

Este profissional tem na voz seu principal instrumento de trabalho, e, por meio principalmente da expressividade, procura garantir a atenção e o interesse dos ouvintes (BORREGO, 2005). A expressividade da fala constrói-se pela interação entre elementos segmentais (vogais e consoantes) e prosódicos (ritmo, entoação, qualidade de voz, taxa de elocução, pausas e padrões de acento) e das relações que se estabelecem entre som e sentido (MADUREIRA, 2004). De acordo com as escolhas prosódicas, pode ser construída uma fala clara, persuasiva e natural.

O termo expressividade, na Fonoaudiologia, vem sendo mais usado associado à ideia de atribuir à fala, alegria, confiança, dinamismo, credibilidade e/ou naturalidade (GHIRARDI, 2004). Embora o aspecto positivo esteja ressaltado neste direcionamento, a fala expressiva deve transmitir emoções e atitudes de toda natureza, tanto positivas quanto negativas (VIOLA et al., 2006).

Ao falar ao microfone, cabe ao locutor a tarefa de conduzir o ouvinte pela viagem da escuta, estimulando a imaginação, tanto para quem fala, como para quem escuta. Espera-se que a fala seja com expressão, isto é, com a eliminação de tudo o que provoca tensão (FÓNAGY, 1983), e que, assim, possa envolver o ouvinte, que busca não apenas a informação, mas a experiência de ouvir, criar e imaginar.

Assim, atualmente, embora a comunicação do locutor seja cuidadosamente estabelecida, considerando-se os objetivos específicos de acordo com o estilo do programa e público-alvo, necessita também ser transmitida de maneira natural. Nesta direção, o fonoaudiólogo é um dos principais profissionais envolvidos no processo de trabalho que visa minimizar as interferências e garantir o sucesso da comunicação (PANICO, 2005).

A Fonoaudiologia faz pesquisas sobre locutores há, aproximadamente, 20 anos. Dentre os estudos, é possível encontrar diferentes focos: o perfil vocal dos locutores, em geral (LOPES, 1999; SODRÉ et al., 2002; OLIVEIRA, 2002); dos locutores esportivos (NAVARRO, 2000); as características de locuções publicitárias (PENTEADO, 1998; DINIZ, 2002; NAVARRO e BEHLAU, 2001; MEDRADO, 2002; PAOLIELLO et al., 2005); a caracterização da voz de locutores que atuam em emissoras AM e FM (KYRILLOS et al., 1995; LEITE e VIOLA, 1995); a análise da constituição do estilo oral em radialistas (RAMOS, 1996); a análise acústica da locução (MOREIRA-FERREIRA et al., 1998; GUERRA, 2002); e a análise de intervenção fonoaudiológica realizada em alunos de locução (BORREGO, 2004; FARGHALY e ANDRADE, 2005; BORREGO e BEHLAU, 2007).

Numa leitura mais atenta do exposto, pode-se concluir que há mais trabalhos que descrevem as características da locução, e poucos são aqueles que analisam uma determinada intervenção realizada com locutores, foco dos fonoaudiólogos.

No Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP, a primeira dissertação desenvolvida sobre locução foi de RAMOS (1996), que, por meio de análise acústica, avaliou radialistas em situação de locução

comercial e a comparou à fala fora deste contexto. Na sequência, NAVARRO (2000) utilizou também a análise acústica para conhecer melhor o contexto da locução esportiva. MEDRADO (2002) comparou a fala de locutores e não locutores, em contexto de vinheta comercial. Ao levantar a produção do programa, concluiu-se que poucos estudos foram realizados sobre a temática da locução radiofônica. Várias propostas de dissertação, no referido programa, analisaram uma determinada proposta de intervenção com outros segmentos profissionais, como professores, telejornalistas, universitários e vendedores (OLIVEIRA, 2007; JACARANDÁ, 2005; AZEVEDO, 2007; SOUZA, 2007), mas nenhuma considerou o profissional de locução radiofônica.

Dentre os diferentes estilos de locutor: locutor apresentador, locutor esportivo, locutor apresentador animador, locutor entrevistador, locutor noticiário, locutor repórter e locutor comercial (CÉSAR, 2009), optou-se, nesta pesquisa, analisar o locutor comercial, já que existem poucos trabalhos que analisam, principalmente, a intervenção fonoaudiológica. A função deste locutor é gravar comerciais, utilizando técnicas diferentes das usadas para apresentar um programa, num estilo de locução que exige alteração na modulação da voz, mudança de ritmo durante a verbalização, e naturalidade na interpretação do texto (CÉSAR, 2009).

Diante desta realidade, e devido à motivação pelo contato direto com estudantes de uma escola técnica de formação de locutores, surgiu o interesse de analisar uma proposta de intervenção fonoaudiológica junto a estes profissionais. A experiência e a constatação, no cotidiano, de que há diferenças na expressividade pré e pós-intervenção fonoaudiológica, trouxe a intenção de analisar, cientificamente, o dado sobre mudanças ocorridas na leitura da locução comercial. Optou-se por partir do pressuposto de que a intervenção fonoaudiológica, focada na expressividade, pode potencializar os recursos que o estudante possui, desconstruir ajustes estereotipados, minimizar dificuldades e fornecer estratégias que favoreçam a comunicação radiofônica.

Acredita-se que trabalhar as habilidades comunicativas, por meio do treinamento da escuta, sensibiliza o profissional a conhecer melhor os efeitos

de uma fala construída e, assim, torna-o mais confiante em sua atuação, com a utilização de recursos e ajustes considerados próprios da comunicação radiofônica.

Um bom comunicador deve utilizar, simultaneamente, alguns recursos: os verbais, que são o conteúdo das palavras faladas e seus respectivos sons; os vocais, que são os diferentes tons, intensidades, pausas e duração dos sons, ou seja, as mudanças que ocorrem na voz quando se fala; e os recursos não-verbais, que transmitem uma gama de mensagens por meio de gestos, expressões faciais, postura corporal, aparência física e roupas utilizadas (COTES, 2004). Os últimos, na locução radiofônica, não são visíveis, porém são importantes na composição de uma fala que necessita de uma determinada ênfase.

Em um estudo com alunos de um curso de radialismo, BORREGO e BEHLAU (2007) concluíram que indivíduos com treinamento vocal apresentaram mais habilidade em ajustar os recursos de ênfase de acordo com o texto selecionado, fato que garantiu mais fluência e distribuição adequada das pausas na leitura da notícia.

Portanto, um treinamento focado nos recursos citados e a ênfase na escuta do próprio locutor, relacionada aos mesmos parâmetros, pode possibilitar um resultado mais eficaz.

A intervenção fonoaudiológica fundamentou-se nos estudos de ZABALA (1998) ao referir que os conteúdos de aprendizagem possibilitam o envolvimento de todas as dimensões da pessoa. O autor defende a organização dos conteúdos, pois os conteúdos de aprendizagem só podem ser considerados relevantes na medida em que desenvolvam, nos alunos, a capacidade para compreender uma realidade que se manifesta globalmente. Também comenta que existem dois modelos educativos: o conservador e o emergente. No primeiro, a aprendizagem consiste na retenção de informações que serão gravadas, mediante repetição sistemática do exercício. A aprendizagem é repetitiva e mecânica. O segundo tem como foco a construção de competências profissionais e está alicerçado no diálogo e na construção

gradativa do conhecimento. Para aprender, o sujeito relaciona os conhecimentos novos com os prévios.

O autor traz COLL (1994) que classificou os conteúdos em: conceituais (o que se deve saber), procedimentais (o que se deve saber fazer) e atitudinais (o que é). A respeito dos conteúdos, ZABALA (1998) refere-se à importância de esclarecer os objetivos para ensinar e não perder de vista que o aprendizado depende de características singulares dos aprendizes e que o conteúdo, por mais específico que seja, está sempre associado a outros. Com relação aos conteúdos procedimentais, ele comenta que não basta exercitar múltiplas vezes, mas refletir e tomar consciência, partindo da significação e da funcionalidade do conteúdo. Quanto aos conteúdos atitudinais, pode-se considerar que uma pessoa aprendeu uma atitude quando ela pensa, sente e atua frente ao conteúdo (FERREIRA e CHIEPPE, 2005).

Diante do exposto, entende-se que uma intervenção fundamentada e que valorize os aspectos individuais dos alunos pode trazer resultados positivos e consistentes. Acredita-se que estudos que analisam estas intervenções podem contribuir não apenas para uma melhor compreensão, mas para quantificar os resultados obtidos após este período.

2 OBJETIVO

Investigar os efeitos, durante a leitura de uma locução comercial radiofônica, de uma proposta de intervenção fonoaudiológica relacionada à expressividade, em estudantes de um curso de formação de radialistas.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura será apresentada em três subcapítulos: no primeiro, serão abordadas as pesquisas genéricas referentes à expressividade; no segundo, serão apresentados os estudos de intervenção com locutores de rádio; no terceiro, os estudos relacionados à locução comercial, e, no quarto, os estudos relacionados aos recursos de expressividade, como: ênfases; pausas como recurso de ênfase; variações de *pitch* e outras variações no uso dos recursos vocais. Optou-se em seguir a cronologia na apresentação das fontes bibliográficas.

3.1 Pesquisas genéricas relacionadas à expressividade

De acordo com BLOCH (1977, p.49), a expressão vocal consiste em mensagens não-verbais, com conteúdo semântico, transmitidas pela voz. A pessoa que fala revela, por meio da voz, suas condições de saúde, sociais, psíquicas, emocionais e sua origem. Segundo o autor, a voz é a expressão sonora da personalidade, manifesta nas dimensões *pathos*, *maneirismo* e *melisma*.

SUNDBERG (1987), em um estudo sobre fala, sons e emoção, considerou que a voz pode seguir vários caminhos, ou seja, um enunciado pode ser dito de várias maneiras, de acordo com o estado emocional do falante.

BEHLAU e ZIEMER (1988, p.136) desenvolveram uma proposta de leitura vocal, denominada por eles de “psicodinâmica vocal”, com base na análise de parâmetros de respiração, altura, extensão, registros, intensidade, ressonância, articulação, *pathos*, *maneirismo* e *melisma*, que transmite as características pessoais e emocionais do sujeito. Explicam que *pathos* diz respeito àquilo que transparece ao ouvinte, inconscientemente, pela fala do locutor. Esta característica é definida pelos autores como “carisma vocal” e se manifesta por meio de pausas, no discurso e melodia da fala. O *maneirismo* corresponde a uma tentativa intencional de fuga dos padrões habituais de voz de uma pessoa. Assim, o sujeito imita os recursos vocais e prosódicos

utilizados por determinado grupo, como uma tentativa de expressar sentimentos que não são reais. O melisma corresponde ao apelo pessoal, intencional feito ao interlocutor, como forma de manipular o ouvinte.

LAYER (1994) ressaltou que a voz e a fala são indissociáveis. Junto com a mensagem linguística da fala, a voz carrega informações características do falante através do seu sotaque, tom de voz e de sua qualidade vocal (e suas mudanças).

BOONE e MCFARLANE (1994, p.10) reafirmam que as palavras representam apenas parte da mensagem e a voz dá sustentação à linguagem, como parte fundamental na comunicação: “nem sempre o que dizemos é o que transmite a mensagem, mas o modo como dizemos”.

POLITO (1998) afirmou que o interesse ou não do ouvinte pela notícia é definido nos primeiros dez segundos. Isto obriga o locutor a buscar o equilíbrio entre a informação e a emoção, a fim de conquistar este envolvimento. O autor resalta ainda, que o telespectador identifica o modo e a intenção do repórter em transmitir a notícia, sendo que se isto for feito de maneira estereotipada e artificial não prende a atenção do público ao conteúdo da reportagem.

KYRILLOS (2003) sugeriu uma forma de orientação fonoaudiológica ao repórter/apresentador de televisão com a ideia de “conhecer para melhor atuar”. Ela ressaltou duas preocupações básicas: manter a saúde vocal e garantir a expressividade, para que o conteúdo da notícia seja transmitido com clareza e credibilidade. A autora comentou sobre a importância do componente não-verbal para a adequada transmissão da mensagem e destacou os seguintes recursos vocais: uso de ênfase e pausas estratégicas, curva melódica rica e variada, intensidade adequada ao tipo de texto, articulação precisa dos sons da fala, ampla e sem exageros. A autora referiu também que com maior consciência do próprio corpo, da voz e com o conhecimento dos fatores que interagem para a sua produção, pode-se, certamente, atingir a melhor atuação profissional.

BEHLAU (2000), em entrevista ao Informativo do Clube da Voz¹, comentou que um bom locutor de comerciais é o indivíduo que apresenta flexibilidade vocal suficiente para compreender a mensagem que deve ser veiculada e escolher, dentre seus recursos vocais e de fala, os que mais se adaptam à situação ao contexto específico da locução em questão. O locutor, acima de tudo, controla, conscientemente, sua expressão vocal. Segundo a autora, é evidente que há locutores especializados, que apresentam melhores recursos e estratégias mais eficientes para determinados tipos de locuções; porém, o locutor ideal deve dominar diversos estilos básicos.

STIER e COSTA NETO (2004, p.181) relataram a importância da expressão e da naturalidade envolvidas no telejornalismo. De maneira geral, argumentam que as palavras expressam variados sentimentos e estados de espírito do sujeito, mas enfatizam que mudanças nos parâmetros vocais, tais como: entoação, ritmo de fala e pausas conferidas ao discurso podem atribuir diferentes sentidos a uma mesma palavra. Assim, o verdadeiro significado da mensagem está atrelado à maneira foi dita, ao invés de somente ao seu conteúdo. Além disso, a voz do indivíduo é o que dá credibilidade ao conteúdo de sua fala. Cada mudança na voz reflete um posicionamento do falante frente ao seu interlocutor e à sua comunicação. Desta forma, os autores definem expressividade como “(...) a capacidade de um indivíduo tornar vivo o seu pensamento pela linguagem...” Descrevem diferentes meios para a obtenção da naturalidade na leitura. Segundo eles, as variações prosódicas devem estar em concordância com a intenção do texto, e ocorrem por mudanças de *pitch*, *loudness*, ritmo e velocidade de fala. Com relação às pausas, comentam que é necessário ter cuidado com a pontuação do texto. É conveniente determinar a relação de cada sinal de pontuação para determinar se deverá ser respeitado, ou não, durante a leitura. As pausas auxiliam na naturalidade e expressividade. No entanto, quando mal empregadas podem comprometer a compreensão.

PANICO (2004) chamou de “fala construída” a fala profissional que busca não só a qualidade da voz, propriamente dita, como também a

¹ Site: <http://www.clubedavoz.com.br/?page_id=2>

persuasão e a emoção do interlocutor. Assim, defendeu que ao trabalhar a expressividade, o fonoaudiólogo estará auxiliando o cliente a encontrar mais naturalidade em sua comunicação, em geral. Para a autora, expressividade significa o uso adequado dos “recursos disponíveis”, respeitando as particularidades de cada contexto de comunicação, em cada profissão diferente. Ilustra seu ponto de vista citando as profissões nas quais se deve ler um texto da forma mais natural possível: um ator que interpreta um texto, ou um repórter que grava um *off*. No entanto, alertou que é preciso ter cuidado com o texto, pois este recurso pode atrapalhar a expressividade do indivíduo. Segundo ela, convém lembrar que a leitura em voz alta não deve, necessariamente, seguir as regras formais (principalmente de pontuação) da escrita.

Embora a fala construída seja o contrário da fala espontânea, PANICO (2004, p.51) colocou que a primeira deve ser feita da forma mais natural possível; imitando a segunda. Portanto, é preciso que seja expressiva. Para a autora, “a expressividade está diretamente relacionada ao bem estar do falante, nível cultural e atenção deste com o ouvinte.” Assim, sugere que algumas estratégias sejam trabalhadas, a fim de familiarizar o indivíduo com a expressão: incentivar a leitura e a redação e, principalmente, a leitura em voz alta. Realizar improvisos e interpretações e ouvir-se em uma gravação também podem ser recursos úteis. Para que os recursos expressivos sejam ajustados corretamente, é preciso que o falante identifique o seu interlocutor (bem como a sua prontidão para receber a mensagem), como irá transmitir o que tem a dizer e quais os efeitos que deseja produzir em seu público; ou seja, sua intenção. Segundo ela, pausas e variações de intensidade da voz podem produzir ênfases no discurso. Então, sugere que algumas marcações sejam feitas no texto a ser lido.

KYRILLOS (2004) descreveu sua prática com o aprimoramento da comunicação de executivos. A expressividade é parte integrante e fundamental do seu conteúdo programático. Segundo ela, o grau de expressividade de um indivíduo está intimamente vinculado ao uso que faz dos recursos vocais em sua fala, principalmente a profissional, que está relacionado ao sujeito que fala,

e também ao significado e intenção da mensagem. Seu emprego deve ser consciente, de forma a enriquecer a fala, e não torná-la monótona e repetitiva. Os parâmetros vocais citados como componentes da expressividade são: ênfase, curva melódica, uso de pausas e variações de velocidade e *loudness*.

Para MADUREIRA (2004, p.16) abordar a expressividade da fala é considerar o uso simbólico dos sons, sendo que os recursos empregados no discurso, pelo indivíduo, conferem ao som da voz certo sentido. A autora afirma que uma fala é expressiva quando é caracterizada por variabilidade de padrões melódicos e rítmicos para a qual os ouvintes atribuem sentido. A sua expressividade constrói-se a partir das interações que se estabelecem entre elementos segmentais (vogais e consoantes) e prosódicos (ritmo, entoação, qualidade de voz, taxa de elocução, pausas e padrões de acento) e das relações que se estabelecem entre som e sentido, determinadas a partir das escolhas de traços prosódicos feitas pelo falante. Esta escolha é possibilitada pela grande plasticidade dos órgãos fonoarticulatórios, que permite incontáveis ajustes que geram modificações acústicas e psicoacústicas no sinal de fala. A autora comenta que “toda a fala é expressiva, no sentido de que alguma forma de atitude, emoção, crença, estado físico ou condição social é veiculada por meio da fonação e da articulação dos sons.”

Segundo FERREIRA (2004), o termo “assessoria” compreende a realização de uma análise da questão colocada pelo cliente que procura o profissional e um planejamento de ação identificando eventuais problemas e a sugestão de possíveis soluções para esta demanda. Todas as etapas do processo de assessoria são realizadas junto com o cliente, que participa ativamente das discussões. A expressão “profissional da voz” engloba aqueles que usam a voz como principal veículo de trabalho. Segundo a autora, dentre as pesquisas, na área, são mais comuns as que traçam um perfil de diferentes categorias de profissionais da voz. Algumas poucas pesquisas relatam experiências com profissionais que comparam dados objetivos do início e do final da intervenção.

Considerando os aspectos psico-sociais da voz, FERREIRA (2004) realizou uma proposta de intervenção fonoaudiológica na assessoria aos profissionais da voz, de caráter processual e contextualizado, em que cada etapa vai sendo construída durante cada encontro. É necessário o conhecimento do ambiente profissional em que os sujeitos atuam, bem como suas relações com este ambiente, com os colegas, suas dificuldades, necessidades e particularidades. Sugere ainda que podem ser realizadas avaliações *in loco* e análise acústica na complementação da avaliação inicial. São aspectos da avaliação: a motricidade oral e a audição dos sujeitos envolvidos. Como intervenção, propriamente dita, a autora propõe a realização de palestras e oficinas, destacando o valor da última na aquisição de conceitos e vivências com a própria voz. A atuação pode ser individual ou em grupo, conforme a demanda e a opção do fonoaudiólogo prestando o serviço. Com relação à saúde vocal, esta é vista não como uma lista de proibições, mas, sim, como uma série de conceitos a serem incorporados, de acordo às necessidades e particularidades de cada um. Para o trabalho com a expressividade, sugere que o emprego dos recursos de pausa, duração, velocidade, variações de *loudness* e *pitch*, alongamento de sílabas e precisão articulatória sejam vivenciados para que os participantes possam concluir sua importância na comunicação. Ao final, estratégias para a avaliação desta intervenção devem ser elaboradas e executadas.

AZEVEDO (2007) refere que o trabalho com os recursos vocais envolvem aptidões particulares e dependem de experiências anteriores, de cada indivíduo, porém são estratégias essenciais para o desenvolvimento da expressão mais efetiva.

3.2 Estudos de intervenção com locutores de rádio

MOREIRA-FERREIRA et al. (1998) realizaram análise acústica da vogal sustentada /a/ de 21 alunos de locução, pré e pós-orientação e treinamento vocal. Os alunos passaram por um programa de treinamento teórico-prático de 32 horas, desenvolvido especialmente para eles. Os resultados do estudo mostraram que 62% dos alunos apresentaram melhora na qualidade vocal pós-

treinamento, em parâmetros acústicos selecionados. Estes dados reforçaram a importância do desenvolvimento de programas de treinamento de voz e comunicação para alunos de locução na formação de sua voz profissional.

OLIVEIRA (1988) relatou o trabalho fonoaudiológico desenvolvido com radialistas e alunos de locução de um curso especializado, em que foram abordados os seguintes aspectos: levantamento de dados dos participantes, fisiologia da voz e ressonância, articulação/ritmo, coordenação pneumofonoarticulatória e sua associação às variações de ritmo, entoação aplicada à fala e às diferentes situações do rádio, como locução comercial, narração esportiva e jornalística. O trabalho de entoação foi desenvolvido mostrando-se diversos sentidos que um mesmo vocábulo ou frase pode assumir em diferentes combinações e variações de curvas melódicas, intensidade e duração. A autora referiu que o aumento de intensidade, variação de entoação, com curvas melódicas ascendentes, e aceleração no ritmo da fala transmitem empolgação.

FARGHALY (2002) relatou sua experiência na atuação fonoaudiológica junto aos alunos de um curso técnico profissionalizante de locução de rádio. São realizadas aulas teóricas e práticas, em que são abordados aspectos de anatomia e fisiologia da voz e da articulação dos sons da fala, assim como cuidados com a voz. Em suas aulas práticas, foram trabalhados diferentes ajustes vocais, de acordo com os diversos estilos de locução presentes no mercado de trabalho: coordenação pneumofonoarticulatória; apoio e resistência respiratória; controle de velocidade, frequência e volume da voz; articulação, projeção e equilíbrio ressonantal; variação de ritmos de fala e pontuação da linguagem oral. A autora também descreveu o treino de adequação da entonação, ênfase de palavras-chave e finalização da locução, que tem como objetivo explorar os diferentes sentidos que um vocábulo pode assumir em contextos variados.

BORREGO e BEHLAU (2004) avaliaram os efeitos do treinamento de fala em 25 alunos de um curso de locução. Os alunos realizaram uma leitura de notícia ao começo e término do curso (4 meses de duração). Estas leituras

foram submetidas à avaliação de 5 fonoaudiólogas que julgaram melhora ou piora na leitura com base nos parâmetros: tipo de voz, articulação e pronúncia, *loudness*, *pitch*, ressonância, velocidade de fala, coordenação respiratória e uso das ênfases (por meio de variações de altura, intensidade, duração e uso de pausas). As leituras pré e pós-curso de locução foram identificadas corretamente por 80% das juízas. Da mesma forma, as leituras pós-curso foram consideradas melhores em 80% das vezes. O parâmetro que melhor caracterizou a leitura foi o uso de ênfases, seguido por qualidade de voz. Assim, as autoras concluem que o fonoaudiólogo deve investir na criação de estratégias que trabalhem os marcadores de expressividade com os alunos de radialismo.

Em estudo semelhante, BORREGO et al. (2004) compararam as análises perceptivo-auditivas de leigos e fonoaudiólogos acerca da leitura de locutores pré e pós-treinamento. Uma mesma notícia foi lida por um grupo de 25 alunos de um curso de locução, antes e após o término do curso. Os fonoaudiólogos realizaram a avaliação dos parâmetros de articulação, pronúncia, *loudness*, *pitch*, velocidade de fala, coordenação respiratória e ênfases. Embora os termos técnicos tenham sido modificados nos protocolos de avaliação dos juízes leigos, os parâmetros de comparação permaneceram os mesmos. Para os leigos, o que mais caracterizou positivamente a locução foi o uso de ênfase, seguida de articulação e coordenação respiratória. Para os fonoaudiólogos, os recursos que mais chamaram a atenção foram a ênfase, tipo de voz e *pitch*, respectivamente. Desta forma, concluem que ambos os grupos de pessoas percebem as diferenças na locução após o treinamento e que os aspectos prosódicos são fundamentais nesta identificação.

BORREGO (2004) descreveu ainda seu trabalho com locutores de rádio em formação, que abrange a orientação vocal (conceitos anatômicos e fisiológicos básicos e saúde vocal) e treinamento vocal (relaxamento e aquecimento vocal e trabalho com qualidade vocal, envolvendo coordenação respiratória, parâmetros de altura e intensidade, velocidade, articulação, pronúncia, ressonância e projeção). A última etapa do trabalho é a de aperfeiçoamento vocal, composta de técnicas para adequar o uso da voz às

exigências do meio radiofônico. Assim, são enfocados parâmetros de entoação e ênfase, conferidos por meio de variações de frequência, intensidade e duração e das pausas empregadas.

A autora explicou, detalhadamente, sua atuação, enfatizando o uso de estratégias de leitura de diversos tipos de texto, no treinamento oferecido aos locutores. Aponta que, em um primeiro momento, oferece aos alunos textos não radiofônicos, de poesia e prosa, de diversas naturezas, dependendo do objetivo a ser trabalhado. Mostra também, que, muitas vezes, os textos são lidos de forma que, ao tentar modificar um ajuste vocal, o aluno tende a modificar vários, ao mesmo tempo. A intensidade forte está associada à agudização do *pitch* e aumento da velocidade de fala. O oposto pode acontecer com a intensidade fraca. Assim, muitas vezes, o foco do trabalho é usar estes recursos todos de forma independente, para que se ganhe flexibilidade no uso vocal. A autora enfatiza também o uso de gravações dos alunos, para que possam acompanhar e monitorar o seu próprio desempenho. (BORREGO, 2004)

O papel do fonoaudiólogo na equipe interdisciplinar é também esclarecido por BORREGO (2004). Ela comenta que o diálogo com os demais profissionais, professores de locução e interpretação, acrescenta à atuação, à medida que são esclarecidos aspectos específicos da linguagem radiofônica e da rotina dos locutores, e de técnicas como, por exemplo, a de destacar palavras específicas no texto para que a leitura auxilie na compreensão, por parte do ouvinte. O papel do fonoaudiólogo está em mostrar para os locutores os meios para fazê-lo, utilizando-se da voz e de sua expressividade. Assim, o trabalho com textos radiofônicos (diferentes tipos de comerciais e notícias) torna-se importante, já que o locutor vai aprendendo a identificar os ajustes necessários para transmitir determinada mensagem e atingir determinado público.

BORREGO et al. (2006) investigaram os efeitos de um treinamento de voz e fala em estudantes de um curso de formação de radialistas. Participaram do estudo 25 alunos que gravaram a mesma notícia no início e no final do

curso. As gravações foram submetidas à análise perceptivo-auditiva e acústica e analisadas por fonoaudiólogas especialistas em voz. As leituras julgadas como melhores correspondiam às emissões do final do curso, revelando o efeito positivo do treinamento de voz e fala. Os parâmetros que melhor caracterizaram as leituras pós-treinamento foram: maior ocorrência de ênfase, seguido por tipo de voz e *pitch*. Quanto ao treinamento, as autoras priorizaram as atividades que envolvessem percepção e treino auditivo, experimentação dos diferentes tipos de voz e de variadas formas de enfatizar as palavras, assim como a repetição da leitura do texto para o ajuste adequado dos recursos às intenções da mensagem. Comentaram também que a escolha adequada do texto a ser utilizado neste tipo de atividade é fundamental para garantir o sucesso da estratégia escolhida.

FARGHALY e ANDRADE (2008) avaliaram a eficácia do Programa Fonoaudiológico para Formação de Locutores de Rádio (PFFLR) aplicado aos alunos de um curso profissionalizante de locução de rádio. O treinamento foi realizado em sete semanas consecutivas e as aulas ocorreram uma vez por semana, com duração de três horas e 30 minutos cada. Os alunos foram gravados no início e no final do treinamento e as gravações foram submetidas a três análises: análise objetiva da voz, análise perceptivo-auditiva do uso vocal e análise objetiva da velocidade de fala na leitura. Quanto à intervenção, esta foi dividida em sete módulos: o primeiro, chamado Oficina de Propriocepção, teve como objetivo trabalhar a percepção vocal para uma boa locução; o segundo, Voz e Microfone, teve como objetivo trabalhar a importância do aquecimento e desaquecimento vocal para a prática da locução; o terceiro, Respiração e Articulação, teve como objetivo adequar a coordenação respiratória e o padrão articulatorio; o quarto, Prática de Locução, teve como objetivo rever e aplicar os conceitos vistos relacionando diretamente à locução; o quinto, Modulação, Pontuação e Ritmo, teve como objetivo trabalhar a flexibilidade vocal; o sexto, denominado Programa de Rádio, teve como objetivo verificar a flexibilidade vocal por meio da construção de um programa de rádio; e o sétimo, Imagem Vocal, teve como objetivo conscientizar o aluno sobre a imagem transmitida ao ouvinte por meio de um treinamento auditivo.

Os resultados demonstraram a eficácia do PFFLR, sendo observadas melhoras nos parâmetros relacionados à boa locução, *loudness*, ressonância, coordenação pneumofonoarticulatória, modulação, articulação, ritmo e velocidade de fala na leitura.

3.3 Estudos relacionados à locução comercial radiofônica

Segundo BORREGO (2004), é possível determinar um perfil de comunicação dos locutores de rádio. O locutor de FM, voltada para um público jovem, normalmente apresenta *pitch* agudo, *loudness* aumentada, velocidade de fala acelerada e bastante modulação em sua voz. Já o locutor de FM destinada a ouvintes de outra faixa etária faz uso de um *pitch* mais agravado, velocidade de fala média e menos modulação. A locução de AM é caracterizada por *loudness* e *pitch* médios e permite que o locutor carregue traços de sua comunicação informal como, por exemplo, regionalismos. Aponta ainda que as ênfases e a qualidade vocal, na locução comercial, são variáveis e devem ser adequadas ao público e ao produto. Assim, para ela, o radialista é um profissional versátil e bastante ativo, que deve ser expressivo, transmitindo seu conteúdo com a maior naturalidade e espontaneidade possíveis.

Ainda para esta autora, cada notícia ou comercial exige um padrão de locução diferente. Notícias sérias ou comerciais “clássicos”, em geral, são transmitidos com *pitch* mais grave, fala mais lentificada e menos modulação. As pausas são mais longas, as sílabas alongadas e há prolongamentos em palavras-chave do texto. Já as notícias mais informais e os comerciais do tipo “varejão” costumam pedir *pitch* mais agudo, velocidade de fala rápida, e mais modulação. As pausas são menores, a variação do *pitch* e do *loudness*, assim como a articulação das palavras de destaque são mais marcadas. No entanto, afirma também que devem ser respeitadas as diferenças entre os textos (notícias, comerciais) e os estilos de cada emissora. Desta forma, garante a variedade dos exercícios, propondo a leitura de um mesmo texto pensando em emissoras com estilos diferentes; ou, então, leituras em sequência de textos de diferentes naturezas. A expressividade e a naturalidade do locutor garantem que ele seja convincente e atrativo aos ouvidos de seu público. É por meio

destes dois recursos que a mensagem é transmitida com fidelidade à intenção do texto. (BORREGO, 2004)

3.4 Estudos relacionados aos recursos de expressividade

Este subcapítulo será apresentado em cinco partes, de acordo com o recurso abordado, a saber: 3.4.1 Uso de ênfases; 3.4.2 Uso de pausas como recurso de ênfase; 3.4.3 Variações do *pitch* como recurso de ênfase e 3.4.4 Outras correlações no uso dos recursos vocais.

3.4.1 Uso de ênfases

SANTOS (1953) observou, na fala de oradores, a presença de palavras-chave, ou seja, certo número de vocábulos que, no plano significativo, têm uma saliência maior que os demais presentes. Pragmaticamente, elas têm como objetivo assinalar ideias principais ou pontos de referência. São, para o autor, palavras em que deve recair toda força, polarizando, assim, a atenção, emoção que se deseja provocar. Comenta que não basta um orador apenas dar ênfase pela entoação da voz mais forte e mais pausada sobre a palavra-chave, mas deve também cuidar das diversas inflexões que empregará. Segundo ele, além da inflexão, a cadência da voz tem também sua influência.

SAMPAIO (1971) relatou que a preferência pela voz grave no jornalismo de rádio, televisão e cinema é devida à sua representação de sobriedade, o que conduz à credibilidade e capacidade de persuasão. Este mesmo autor considera que a capacidade interpretativa está diretamente relacionada à entoação.

CÂMARA JÚNIOR (1977) definiu ênfase como qualquer processo de linguagem destinado a dar especial relevo a uma enunciação. Segundo o autor, pode ser: léxica, quando resulta da escolha de uma palavra particularmente forte e impressionante; sintática, quando decorre da disposição dos vocábulos na frase e fonética, quando é determinada por um fato fonético, como intensidade especial de uma sílaba, vocábulo ou expressão, altura excepcional dos mesmos elementos, alongamento da prolação de um fonema, pausa excepcional, com a criação de um grupo de força inesperado.

KNAPP (1982) explicou que a modulação vocal é utilizada para indicar o final de um enunciado declarativo ou de uma pergunta, e que, ao falar, um sinal acústico complexo é produzido, e pode ser identificado por dois métodos diferentes: a análise acústica e a espectrografia. Para o autor, a modulação vocal pode ter a função de aumentar a compreensão e a retenção da atenção do ouvinte.

BEAN et al. (1989) verificaram os efeitos da utilização de ênfases na compreensão da fala. Foi realizada a gravação de uma leitura que continha substantivos e orações substantivas enfatizadas de forma variada, em diferentes sentenças, ao longo de um texto. Esta gravação foi apresentada a 60 ouvintes que deveriam responder, individualmente, a questões de múltipla escolha, selecionadas para testar sua habilidade de entendimento e memorização do texto. Três diferentes situações apareceram na leitura: ênfases em substantivos e orações substantivas que se relacionavam à alternativa incorreta e sentenças que não apresentavam ênfases. A compreensão foi verificada de forma significativa nas situações em que os substantivos e orações substantivas enfatizadas correspondiam às respostas corretas (71%), diferentemente das ênfases associadas às alternativas incorretas (56%) e às sentenças sem ênfases (57%). Os resultados deste estudo demonstraram a importância do uso de ênfases para a compreensão do texto.

NOGUEIRA (1998), em uma análise comparativa de seis radialistas profissionais, nos estilos radiofônico e neutro, verificou um maior número de elementos enfáticos, caracterizado pelo aumento de duração dos fonemas, aumento no número de pausas e reestruturação quanto à sua distribuição, agudização ou agravamento tonal, dependendo da emissora. A autora comentou que o falante relaciona a matéria fônica (a forma) ao efeito de sentido pretendido (o conteúdo), ao veicular uma mensagem ao interlocutor. Ressaltou também que o trabalho de animação oral que o locutor desenvolve com seu aparelho fonador, variando a tonalidade vocal, materializa suas ideias e cria o estilo vocal da emissora, que é identificado pelo ouvinte.

3.4.2 Uso de pausas como recurso de ênfase

DELYFER (1988) apresentou um estudo sobre ocorrência de pausas em enunciados lidos por um sujeito. Ao aplicar testes perceptuais, concluiu que o índice temporal do silêncio exerce grande influência para que não ocorra a ambiguidade nas sentenças.

CAGLIARI (1992) referiu que há sempre muitas sutilezas de significado nas atitudes do falante e todas elas se revelam a partir da seleção dos elementos supra-segmentais prosódicos e do modo de se programar as palavras. Segundo o autor, a entoação é o elemento mais usado para a caracterização das atitudes do falante, sendo muito explorado pelos profissionais da voz. Com relação à duração, relatou que, na língua portuguesa, o recurso do alongamento excessivo da pronúncia de certas palavras significa atribuir qualidades. O alongamento da duração da sílaba tônica enfatizando a palavra indica um aumento no sentido positivo ou negativo, o que só pode ser interpretado pelo contexto do que está sendo dito. Quanto à pausa, ela tem uma função aerodinâmica que permite ao falante respirar durante a fala em momentos oportunos. Porém, a pausa imprevista ou deslocada da posição esperada indica hesitação, assinala uma mudança brusca do conteúdo semântico, representa uma atitude do falante para impressionar o seu interlocutor, reforça o valor ou chama a atenção para o que vai ser dito em seguida. Com relação ao acento, referiu que em línguas acentuais, como o Português, a fala silabada é usada para destacar o que se diz, sobretudo para chamar a atenção para a informação que se considera muito importante.

BOONE (1996) destacou a importância da utilização das pausas no discurso, para a adequada renovação de ar, e para dar ênfase ao que se deseja salientar durante a fala, garantindo naturalidade e clareza. O autor também comentou que variações na altura vocal conferem diferentes significados para uma mesma palavra, sugerindo alguns exercícios para a conscientização, treino e controle desta habilidade, tanto na palavra isolada como em uma sentença.

RAMOS (1996) analisou o estilo oral de seis radialistas, do gênero masculino, entre 32/40 anos de idade, de duas diferentes emissoras de rádio FM. Para tanto, utilizou um texto publicitário familiar a todos os locutores participantes da pesquisa e veiculado em ambas as emissoras. Na sequência, os dados foram submetidos a uma análise acústica, comparando-se os dois estilos, neutro e radiofônico. Os resultados mostraram que, no estilo radiofônico, há maior número de elementos enfáticos, caracterizados pelo aumento da duração dos fonemas, apresentando, assim, tempo do enunciado mais longo do que no estilo neutro. Além disto, no estilo radiofônico, observou-se uma tendência à hiperarticulação; alongamento das vogais e consoantes fricativas (algumas com o dobro do tempo de emissão); duração total maior (valor aproximado da média – 20s); aumento do número de pausas e variação da extensão de frequência (mínima e máxima), dependendo da emissora em que o locutor trabalhava (emissora A: 110,5Hz – 250,80Hz; emissora B: 62,5HZ – 150,20Hz). A autora pontuou, ainda, que o locutor constrói a animação oral por meio de marcas sonoras típicas e que os estilos podem ter características diferenciadas em cada emissora de rádio, fato identificado pelo ouvinte.

MEDRADO (2002) realizou um estudo com uma análise perceptivo-auditiva da leitura de um texto comercial em dois estilos: espontâneo e interpretado, de dois grupos de falantes do sexo masculino: locutores e não locutores. Identificou, por meio de análise acústica, os recursos vocais da emissão interpretada para a espontânea; do ponto de vista acústico, os locutores apresentaram maior duração total do enunciado, distribuição dos tempos das pausas mais homogênea, valores de frequência fundamental médio, máximo e mínimo menores (*pitch* mais grave) e maior número de semitons.

VIOLA e MADUREIRA (2006) estudaram o comportamento da pausa por meio da análise de gravações de trechos de um ato teatral, interpretado por um ator profissional, em quatro diferentes personagens. A pausa foi considerada como a interrupção do fluxo audível por um período maior ou igual a 200 milissegundos (ms), mesmo quando o silêncio apareceu conjugado com a obstrução de uma plosiva ou com o ruído inspiratório, e sua marcação e

medição foram realizadas por uma combinação das análises perceptivo-auditiva e fonético-acústica. De acordo com os dados levantados, a pausa variou segundo a função, o tipo, a duração e a distribuição no contínuo da fala. Em relação à função, foram observadas pausas discursivas, enfáticas, dramáticas e reflexivas. As pausas enfáticas destacaram e salientaram a informação. Quanto ao tipo, notaram-se pausas respiratórias, silenciosas ou preenchidas. A duração variou de curta a longa, dependendo de sua função e expressividade. Em relação à distribuição, ao longo contínuo da fala, a pausa ocorreu de forma regular ou irregular. As autoras destacaram a correlação entre o comportamento da pausa e as diferentes intenções do discurso, uma vez que estão a serviço do sentido que se quer atribuir ao dito.

3.4.3 Variação do *pitch* como recurso de ênfase

LEITE e VIOLA (1995) realizaram um estudo com 18 locutores de rádio, AM e FM, e apontaram o uso de *pitch* mais grave e com maior frequência entre os locutores de FM e dinâmica de fonação alterada durante o período de trabalho. Segundo as autoras, o *pitch* agravado sugere autoridade e pode ser atribuído à “personalidade vocal do locutor”.

VASCONCELOS (1995) a partir da análise comparativa da qualidade vocal de locutores de radiodifusão, entre as décadas de 30 e 90, e da linguagem comercial utilizada na época, observou que: nas décadas de 30 e 40, as características vocais predominantes eram registro modal, modulação com pouca variação de *pitch*, interpretação com função apelativa, por meio de prolongamento de vogais nas palavras-chave; nas décadas de 50 e 60 a ressonância torna-se equilibrada e com modulação apresentando maior variação de *pitch*; nas décadas de 70 e 80, a função apelativa diminuía e a modulação passava a ser de acordo com o discurso, para, finalmente, na década de 90, a ressonância aparecer com tendência o foco baixo e a pronúncia se mostrar sem predomínio de regionalismo.

MOREIRA-FERREIRA et al. (1998) referiram que a orientação e a capacitação oferecem à voz mudanças importantes, que são prontamente identificadas por ouvintes treinados. Em um estudo realizado com alunos de

um curso de locução, observaram que dentre outros parâmetros avaliados, a frequência fundamental apresentou redução com o treinamento vocal. Concluíram que com o trabalho de orientação e treinamento vocal, o estudante aumenta a estabilidade vocal.

3.4.4 Outras correlações no uso dos recursos vocais

BEHLAU e PONTES (1995) afirmaram que a voz fluida (emissão agradável, solta e relaxada, com tendência à frequência fundamental grave) é tida como uma marca de locução comercial masculina.

FERREIRA (1995), ao fazer uma análise do trabalho de 16 radialistas de emissoras paulistanas, concluiu que eles realizam ajustes motores para procurar uma qualidade vocal que caracterize o estilo de suas emissoras. Verificou tendência de se manter o *pitch* agravado, *loudness* forte e ressonância laringofaríngea, além de velocidade e ritmo de fala acelerados.

Para BEHLAU e REHDER (1997), o objetivo da voz é transmitir mensagens e, para tal, é necessário que se tenha uma boa articulação das palavras, que permita transmitir uma sensação de franqueza e clareza das ideias.

KNAPP e HALL (1999) relataram que os marcadores vocais desempenham um papel muito importante na comunicação humana, pois, segundo eles, não interferem na compreensão e tampouco produzem qualquer efeito adicional no interlocutor, quando se apresentam, de certa forma, pobres. Porém, à medida que se varia os parâmetros de altura, volume e ritmo vocal, aumentam as possibilidades de se atingir, de forma mais efetiva, o ouvinte, pois uma variação contextualizada destes parâmetros pode tornar o discurso mais eficiente, gerando, assim, maior poder de persuasão e credibilidade.

FEIJÓ (2003) afirmou que, além dos parâmetros da qualidade vocal (tipo de voz, ressonância, *pitch*, *loudness*, articulação, sotaque/regionalismo, velocidade de fala, coordenação pneumofônica e ataque vocal), os recursos não-verbais (ênfase, pausas, modulação, ritmo, variação de *loudness* e de *pitch*) são ferramentas essenciais para a realização de uma boa narração no

telejornalismo. Segundo a autora, as pausas fazem parte do discurso, devem ser naturais e permitem boa coordenação pneumofonoarticulatória. A modulação ideal é aquela que apresenta variação de velocidade, intensidade e frequência; que tenha relação com o conteúdo e que destaque a mensagem do texto. O ritmo da fala está diretamente relacionado à modulação e ênfase. As variações de *loudness* devem ser usadas como recursos interpretativos. O *pitch* mais agudo deve ser utilizado em assuntos mais alegres e o *pitch* mais grave deve ser associado a assuntos mais sérios.

BEHLAU et al. (2005) descreveram várias categorias de voz profissional falada, fazendo considerações gerais de cada grupo e relacionando a demanda, o preparo vocal envolvido e os principais aspectos da atuação fonoaudiológica. Com relação aos locutores de rádio, as autoras destacaram a importância de seu desempenho dentro de uma emissora, levando-os a buscar o desenvolvimento de uma qualidade vocal particular, articulação precisa, modulação específica e distribuição calculada das pausas. São destacadas algumas características da locução como: reestruturação temporal constante da fala, presença de alongamentos de alguns sons na ênfase de palavras e uso do recurso de encurtamento para capturar a atenção do ouvinte. Segundo as autoras, tais recursos são empregados para destacar o que é julgado mais importante no texto, seja ele comercial ou jornalístico, visando facilitar a compreensão, persuadir o ouvinte e veicular, direta ou indiretamente, uma determinada mensagem. O trabalho de desenvolvimento vocal está baseado em aspectos de articulação, pausas, ênfase e modulação, que também estão presentes na atuação junto aos apresentadores e repórteres de televisão, devido às características comuns em ambas categorias profissionais, no que se refere à efetividade e credibilidade da comunicação.

PANICO (2005) investigou a identificação de diferentes estilos de notícias – neutro, sério e descontraído – e seus correlatos acústicos. Dez jornalistas experientes gravaram um texto-padrão, nos diferentes estilos, e as amostras de fala foram submetidas à análise perceptivo-auditiva e acústica. Nesta análise, as gravações foram identificadas e julgadas quanto aos estilos. Foram selecionados os seguintes parâmetros: frequência fundamental média,

mínima e máxima; intensidade média, mínima e máxima; porcentagem de tempo com e sem voz; variação da frequência fundamental; número de semitons e tempo de fala. Os resultados encontrados mostraram que os estilos de notícia podem ser identificados por ouvintes leigos por meio de pistas auditivas e também podem ser caracterizados de acordo com os seguintes parâmetros acústicos: 1) estilo descontraído – valores de frequência fundamental média e máxima, e de variação de frequência fundamental maiores do que o estilo sério; 2) estilo neutro – valores de frequência fundamental média e máxima menores do que o estilo descontraído, variação de frequência fundamental maior do que o estilo sério e tempo de fala menor do que o estilo sério; 3) estilo sério – frequência fundamental menor do que o estilo descontraído, frequência fundamental máxima e variação de frequência menor do que o estilo neutro e tempo de fala maior do que o estilo neutro. A autora também reforça a importância da utilização de recursos vocais como: entoação, intensidade e pausas de forma coerente ao sentido do texto, e sugere estratégias de treinamento da percepção auditiva na atuação fonoaudiológica junto a estes profissionais da voz.

OLIVEIRA (1997) ressaltou a importância da intervenção relacionada à postura corporal, respiração e coordenação pneumofonoarticulatória, para a necessidade de haver um tempo de fonação compatível com as necessidades de locução, voz, entoação e ritmo, para maior flexibilidade vocal.

PENTEADO (1998) realizou um estudo com trechos de locuções publicitárias e comerciais das fitas de demonstração do Clube da Voz, sendo vinte trechos de gravação de vozes masculinas e dez de vozes femininas. Doze fonoaudiólogas avaliaram, perceptivo-auditivamente, estas locuções, quanto à qualidade vocal, *pitch*, *loudness*, modulação, ressonância, velocidade de fala, articulação, registro vocal e ataque vocal. Com base nesta avaliação, a autora observou que a qualidade vocal masculina predominante foi a soprosa; em relação ao *pitch*, 62,5% das locuções apresentaram-se graves; a *loudness* apresentou-se como normal, em 72,22% dos registros; a modulação predominou variada; a ressonância predominou equilibrada, no total das

locuções; a velocidade de fala, articulação, registro vocal e ataque vocal predominaram, respectivamente, como: normal, modal e isocrônico.

NOGUEIRA (1998), ao comparar a leitura em estilo neutro e radiofônico de um mesmo texto comercial, observou que o estilo radiofônico caracterizou-se por um maior número de elementos enfáticos, sendo a ênfase marcada pelo aumento de duração dos fonemas; tendência à hiperarticulação, com alongamento dos fonemas vocálicos e fricativos; aumento no número de pausas e reestruturação de sua distribuição; agudização ou agravamento tonal, dependendo da emissora. Também foi observada modificação de gestos articulatórios e variação de tonalidade vocal para a caracterização das diferentes emissoras. A partir destes resultados, a autora sugeriu que o fonoaudiólogo deveria rever sua atuação no aperfeiçoamento vocal, no que se refere ao trabalho articulatório, faixa de frequência utilizada em leitura neutra e radiofônica de cada locutor e utilização das pausas.

OLIVEIRA (1998), em uma pesquisa junto a locutores de rádio, investigou quais aspectos estes profissionais consideram importantes no desempenho de sua atividade. O estudo mostrou uma tendência de início profissional na idade jovem, predomínio de nível de escolaridade superior incompleto e sem preparo prévio para atuar na área. Os locutores mais novos indicam a importância de um preparo prévio à atuação, com importância para a entonação da voz, treino da leitura em voz alta, respiração, articulação e ritmo para que tenham uma boa locução.

4 MÉTODOS

Este capítulo foi dividido em sete subitens: o primeiro explicita o delineamento do estudo; o segundo, os aspectos éticos; o terceiro a seleção dos participantes; o quarto, a caracterização da escola e estúdio onde a pesquisa ocorreu; o quinto descreve os procedimentos utilizados para a coleta; o sexto, como foi realizada a análise dos dados e o sétimo e último, a descrição do processo de intervenção.

4.1 Delineamento do estudo

Esta pesquisa tem caráter descritivo, longitudinal e prospectivo.

4.2 Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob o número 318/2008 (Anexo 1).

4.3 Seleção dos participantes

Inicialmente, a direção de uma escola de formação de locutores, na cidade de São Paulo, foi contatada e, em reunião, os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa foram apresentados ao diretor responsável, que consentiu a realização da mesma, junto aos alunos.

Participaram deste estudo 22 estudantes de um Curso Técnico de Locução, na cidade de São Paulo. Todos os alunos foram submetidos a um mesmo método de ensino, pré-definido pelo grupo de professores e pela coordenação do curso, sob supervisão do locutor-diretor da escola. Foi solicitado a cada estudante que preenchesse também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a confirmação da participação na pesquisa (Anexo 2).

4.4 Caracterização da escola

A escola de formação de radialistas, localizada na cidade de São Paulo, foi fundada no ano de 1988. O curso de formação de radialistas enfoca as áreas de locução, sonoplastia, produção e estúdio, iluminação e operação de câmeras. Além de cursos, a escola possui uma *webradio*, onde os alunos podem praticar, apresentar programas e gravar locuções comerciais.

A proposta da escola é formar o radialista e encaminhá-lo ao mercado de trabalho como profissional preparado e competente.

4.5 Procedimentos utilizados

Este subitem será dividido em quatro partes: a primeira caracteriza a dinâmica do curso de locução; a segunda descreve o público-alvo de intervenção; a terceira apresenta a forma de coleta e edição da amostra de fala e a quarta, a avaliação do processo de intervenção pelos juízes.

4.5.1 Caracterização da dinâmica do curso de locução

O curso de formação de radialistas tem a duração de seis meses e conta com as seguintes disciplinas: Noções de Legislação, Programação Radiofônica, Língua Portuguesa e Noções de Redação, Técnicas de Criação, Radiodifusão, Fonoaudiologia, Novas Tecnologias, Marketing e Vendas em Mídia Eletrônica, Ética Profissional e Prática de Locução. Estas disciplinas fazem parte do currículo, com carga horária total de 280 horas de matriz e 31 horas de estágio.

O módulo de Fonoaudiologia teve início após dois meses de curso, com carga total de 21 horas, distribuída em sete encontros, com duração de três horas cada um. As aulas aconteceram nos estúdios da escola, equipados com recursos de áudio-gravação e a assistência de um sonoplasta, para o que for necessário.

A intervenção fonoaudiológica aborda orientações quanto aos mecanismos de produção da voz, aspectos de bem-estar vocal, psicodinâmica vocal, treinamento e aperfeiçoamento das habilidades comunicativas e

recursos vocais. O objetivo é promover resistência vocal, flexibilidade e ajuste da voz e da fala à linguagem radiofônica, de forma expressiva. O detalhamento dos encontros encontra-se no subcapítulo 4.7.

4.5.2 Descrição do público-alvo da intervenção

Os pré-requisitos para o ingresso no curso são: ter 18 anos completos (ou completados até o final do curso), ter o ensino médio completo e ser aprovado no teste de seleção da escola, que consiste em uma redação e um teste de voz, realizado por um professor de locução. Aprovados, os alunos são agrupados em turmas, de até 25 pessoas, heterogêneas quanto à faixa etária, sexo, profissão e objetivos.

Para a realização da pesquisa o único pré-requisito exigido foi o interesse em fazer parte da mesma.

Participaram da pesquisa 22 estudantes, 15 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, com idade média de 27 anos.

4.5.3 Coleta e edição da amostra de fala

No primeiro encontro, o estudo foi apresentado aos estudantes, sendo justificada a sua realização como a quantificação científica de uma proposta de treinamento fonoaudiológico aos estudantes de locução. Eles leram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, antes de qualquer abordagem.

Após o processo descrito acima, foi colhido, de cada indivíduo, uma amostra de fala caracterizada pela leitura da seguinte locução comercial, no estilo varejo (que grava comerciais variando a modulação da voz, mudando o ritmo durante a verbalização e interpretando com naturalidade o texto) CÉSAR (2009): **“Não perca neste fim de semana, sensacional queima de estoque nas Lojas da Gente”**.

A locução escolhida foi modificada de uma pré-existente, adaptada com o nome de um estabelecimento fictício, para que não houvesse implicações judiciais.

As gravações ocorreram em um estúdio profissional, tratado acusticamente, com o auxílio de um microfone *headset* condensador *AKG* e um *notebook Sony Vaio CR Intel Pentium dual-core*, com o sistema operacional *Windows XP*, 2GB de memória. Os dados foram gravados no programa de computador *Sound Forge 8.0*.

Cada estudante foi chamado para a gravação e orientado a permanecer sentado, numa distância de 10 cm entre a boca e o microfone de cabeça, verificado pela fonoaudióloga responsável. As vozes foram gravadas no formato *wave* e em registro mono.

As gravações ocorreram nos momentos pré e pós-intervenção fonoaudiológica, ou seja, no primeiro e no sexto encontros. Os estudantes tiveram contato com a locução no momento das gravações e foi solicitado que lessem em voz baixa para se familiarizarem com o texto, para, em seguida, gravá-lo. No segundo momento de gravação, pós-intervenção, cada aluno recebeu o mesmo texto para a gravação.

Para a edição do material, as duas coletas de amostra de fala (pré e pós-intervenção) foram editadas por meio do programa *Sound Forge*. Foi realizado um sorteio para que as vozes (pré e pós-intervenção) de cada sujeito fossem organizadas de maneira aleatória e foram acrescentadas 10% de amostras para testar a confiabilidade das respostas. Ao final, um total de 44 vozes fez parte do CD a ser utilizado para a avaliação.

4.5.4 Avaliação do processo de intervenção pelos juízes

A análise foi realizada por um grupo de 40 ouvintes de rádio, 19 do sexo masculino e 21 do sexo feminino, com a média de 27,81 anos de idade. A seleção dos juízes baseou-se nos dados da revista *Mídia Dados*² de ouvintes de rádio, do ano de 2009 (Anexo 3). Cada um recebeu, leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 4). Cada juiz recebeu o CD (descrito em 4.5.3), uma folha com as instruções para a análise (Anexo 5) e o protocolo para assinalar as respostas (Anexo 6). Foram instruídos a ouvir cada

² Site: <<http://midiadados.digitalpages.com.br/home.aspx>>

voz com atenção, e poderiam repetir a amostra quando achassem necessário. Em seguida, deveriam marcar no protocolo pré-estabelecido se as duas vozes de cada sujeito eram iguais ou diferentes. Caso fossem diferentes, deveriam assinalar qual das duas foi a melhor voz.

4.5.5 Avaliação fonoaudiológica

A avaliação foi realizada com a pior voz, ou seja, a que teve mais votos na pré-intervenção e a melhor, ou seja, a que teve mais votos na pós-intervenção fonoaudiológica. No caso da melhor voz, houve empate entre duas, devido a isto, a análise foi realizada com três vozes no total, uma pior e duas melhores.

A partir dos resultados da análise dos juízes, a fonoaudióloga responsável pela pesquisa realizou uma avaliação fonoaudiológica (Anexo 7), baseada na proposta de FARGHALY e ANDRADE (2008). Na avaliação foram analisados os seguintes parâmetros: qualidade vocal, ataque vocal, *pitch*, *loudness*, ressonância, coordenação pneumo-fono-articulatória, articulação, modulação e ritmo de leitura.

4.6 Análise dos resultados

Na Tabela 1, a amostra de estudantes de radialismo foi caracterizada de forma numérica e percentual, de acordo com as variáveis: sexo e idade.

Em seguida, observa-se, na Tabela 2, que a amostra de ouvintes de rádio foi apresentada de forma numérica e percentual, de acordo com as variáveis: sexo, idade e escolaridade.

Quanto ao julgamento do desempenho dos estudantes de radialismo, de acordo com a situação (pré ou pós-intervenção), os dados foram distribuídos numérica e percentualmente de acordo com o julgamento dos ouvintes de rádio, que selecionaram as vozes como melhores, piores ou iguais.

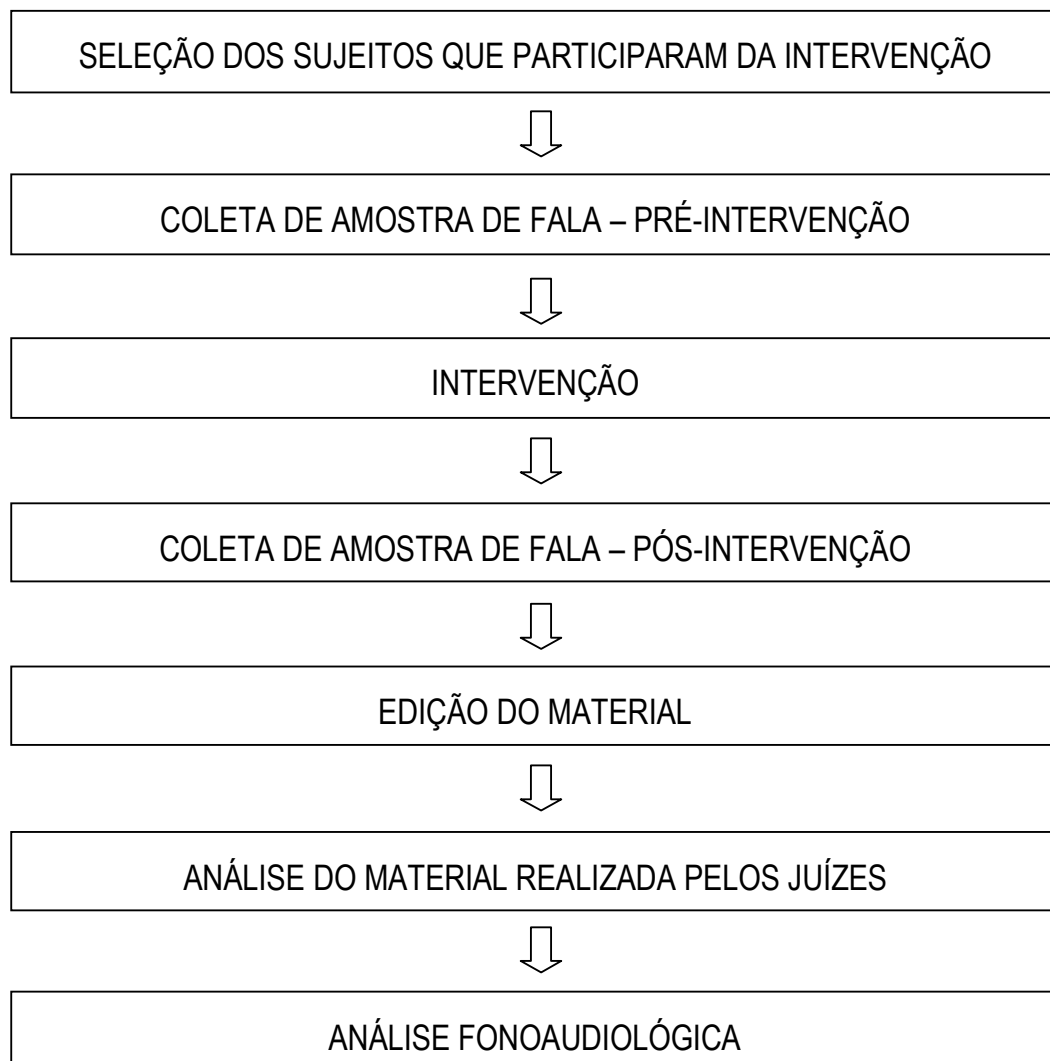
Os indivíduos foram agrupados em duas categorias: melhora e não-melhora, após a intervenção. Foram considerados indivíduos com melhora, aqueles que obtiveram um maior número de respostas favoráveis à sua

gravação pós-intervenção em comparação com a soma das respostas favoráveis à gravação pré-intervenção e das respostas que consideraram não haver diferença entre ambas, ou seja, foram considerados indivíduos com melhora, aqueles nos quais o número de repostas favoráveis à gravação pós-intervenção foi superior à soma das respostas favoráveis à gravação pré-intervenção e das respostas que consideraram não haver diferença entre ambas. Foi utilizado, para a análise, o Teste de Proporção para uma Amostra.

Para a análise dos resultados desta pesquisa foi definido um nível de significância de 0,05 ($\alpha=0,05$).

A seguir, a Figura 1 ilustra, de forma resumida, os procedimentos metodológicos que nortearam esta pesquisa.

Figura 1 – Procedimentos metodológicos a serem desenvolvidos nesta pesquisa



4.7 Descrição do processo de intervenção

A seguir, detalham-se os objetivos e os procedimentos da intervenção fonoaudiológica, em seus sete encontros.

4.7.1 Primeiro encontro

Objetivos:

- Apresentar a proposta a ser desenvolvida com o grupo;
- Gravar as vozes dos estudantes durante a leitura da locução comercial proposta neste estudo;
- Levar o grupo a compreender, de forma básica, a anatomofisiologia do mecanismo fonador;
- Possibilitar o grupo a ter noções de como cuidar da voz, por meio da demonstração de vozes alteradas;
- Oferecer informações para que os alunos conheçam as orientações a respeito do bem-estar vocal.

Procedimentos:

- Apresentada a proposta básica do da pesquisa e deixada em aberto a possibilidade de fazerem sugestões durante os encontros;
- Esclarecido o objetivo da intervenção, que foi oferecer a eles a oportunidade de aprender técnicas para o uso da voz profissional;
- Demonstrou-se figuras da laringe e pregas vocais, enfatizando o papel dos ressonadores, articuladores e abertura da boca, durante a fala;
- Apresentadas vozes alteradas para que observassem o impacto negativo das mesmas, durante uma locução;
- A sala foi dividida em dois grupos. Cada um recebeu um jogo de filipetas com figuras de hábitos e comportamentos nocivos e benéficos à voz, sendo que foram orientados a indicar quais eram positivos e negativos e justificar, discutindo com o grupo.

4.7.2 Segundo encontro

Objetivos:

- Levar os alunos a praticar exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal, por meio da fundamentação das técnicas e a explanação da importância de aquecer e desaquecer a voz;
- Exercitar com os alunos uma sequência de exercícios de alongamento, técnicas de respiração, coordenação pneumofonoarticulatória e aquecimento de voz.

Procedimentos:

- Inicialmente, foram apresentados os benefícios do aquecimento e desaquecimento vocal;
- Foram apresentados exercícios de alongamento, priorizando a região da cintura escapular, como: rotação e massagem nos ombros, rotação e massagem no pescoço, massagem laríngea, massagem facial, rotação da língua no vestibulo, protrusão e retração dos lábios e estalos de lábios e de língua;
- Foram demonstradas figuras dos pulmões e do músculo diafragma para a explanação da respiração costo-diafragmática, esperada durante a fala fluente;
- Foram realizados exercícios de respiração, como: colocação de uma bexiga inflada na região abdominal para que o grupo sentisse a movimentação do abdômen e costelas; exercício da vela, no qual deveriam soprar a chama sem apagá-la, controlando o fluxo aéreo, com a distância de um palmo dos lábios; controle do fluxo durante a emissão de sons fricativos sonoros e surdos (s__z__, f__v__, x__j__);
- Leitura de frases curtas e longas, em uma expiração, para o controle do fluxo aéreo (Anexo 8);
- Exercícios de voz, seguindo a proposta de KYRILLOS (2004) (Anexo 9).

4.7.3 Terceiro encontro

Objetivos:

- Levar os alunos a lembrar o assunto da aula anterior, realizando exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal;
- Incentivar a percepção dos alunos com relação à articulação dos sons, por meio de exercícios de amplitude e precisão articulatória;
- Levar os alunos a identificar as diferentes impressões causadas pelo uso inadequado de voz;
- Permitir que os alunos percebessem as variações da voz com relação aos recursos vocais, como a velocidade e a curva melódica associados à expressão corporal.

Procedimentos:

- Antes de iniciar o assunto principal da aula, foi realizada uma série de exercícios de aquecimento vocal, como: alongamento da cintura escapular, movimentação dos articuladores (lábios, língua e bochechas) e exercícios de voz (vibração de língua, *humming*);
- Discutiu-se a importância de transmitir uma imagem adequada da voz durante uma locução (Anexo 10) e, para isto, foi solicitado a cinco dos alunos que lessem um mesmo texto, variando alguns recursos como: velocidade acelerada, articulação travada, voz soprosa, *loudness* reduzida e melodia restrita. A cada leitura, os demais estudantes deveriam identificar qual o recurso estava inadequado;
- Explanou-se a respeito do impacto de cada alteração, que interfere na comunicação, como: voz (rouca, soprosa e infantilizada), *pitch* (agudo, médio e grave), *loudness* (forte, médio e fraco), velocidade (acelerada, média e reduzida), melodia (adequada, restrita, exagerada, repetitiva) e articulação (precisa, imprecisa, travada, exagerada);
- Foi proposto que falassem, inicialmente, com o auxílio de uma rolha entre os dentes, a sequência de números de 1 a 30, meses do ano e dias da semana, e, em seguida, sem a rolha;
- Algumas sequências de sons de travalingua foram apresentadas para que lessem, sobrearticulando os sons (Anexo 11);
- Em seguida, foi discutido o quanto a expressão corporal interfere na voz e na impressão que transmite aos ouvintes, e foram orientados a exercitar os gestos, meneios de cabeça, expressão facial e postura

adequada durante os exercícios, buscando a congruência na comunicação;

- Dividiu-se o grupo em trios e cada trio criou uma locução comercial, e identificou cada um dos parâmetros que seriam esperados para a mesma: tipo de voz, velocidade, articulação, *pitch*, e *loudness*.

4.7.4 Quarto encontro

Objetivos:

- Levar os alunos a rever o assunto discutido na aula anterior;
- Incentivar os alunos a perceber e a exercitar a variação do uso dos recursos vocais (ênfases, pausas, *pitch*, *loudness* e melodia).

Procedimentos:

- Foi retomado o assunto anterior, solicitando a cada aluno que comentasse sobre alguma observação no dia-a-dia, a respeito da imagem transmitida de acordo com o uso dos recursos durante a comunicação;
- Foram realizados exercícios de amplitude e precisão articulatória;
- Foi solicitado que falassem sobrearticulando os sons e com velocidade acelerada (Anexo 12);
- Foram apresentados cada um dos temas relacionados aos recursos vocais, sendo, o primeiro, as ênfases;
- Foi apresentada uma locução comercial (Anexo 13), na qual um estudante deveria enfatizar o trecho que quisesse, e, em seguida, os colegas apontariam onde foi realizada a ênfase e qual o tipo de ênfase usada. Partindo disto, foram apresentados diferentes tipos de ênfases, como: sobrearticular a palavra, aumentar ou reduzir o volume, mudar a frequência da voz (mais agudo ou mais grave), silabar a palavra, prolongar, destacar a sílaba tônica e fazer uma pausa de expectativa. Cada tipo foi demonstrado durante a leitura de uma frase (“Fiquem agora com a melhor programação musical do seu rádio!”);
- Com base na literatura (KYRILLOS, 2004), foram realizados exercícios para treinar os tipos de ênfase. Foram apresentadas frases (Anexo 14), que cada estudante deveria ler, com um tipo de ênfase diferente, e os colegas do grupo deveriam identificar o trecho com ênfase e o tipo utilizado;

- As pausas foram abordadas, solicitando que marcassem, em um pequeno texto sem pontuação (Anexo 15), as pontuações necessárias, sendo que havia quatro tipos de respostas. Em seguida, foi apresentado um artigo de jornal para que marcassem e lessem utilizando pausas interpretativas;
- Foi apresentado um texto (Anexo 16) para que cada um sublinhasse as ênfases e fizesse marcações de pausas “v” → para uma pausa breve, “/” → para uma pausa em ponto final e “//” → para uma pausa longa, com base na literatura (COTES, 2004). Em seguida, foi realizada a leitura;
- Os recursos *pitch*, *loudness* e velocidade foram abordados, apresentando-se um texto para leitura e duas locuções, uma nota de falecimento e outra de varejo, para que modificassem a voz durante a leitura (Anexo 17);
- Quanto à melodia, foi solicitado que um estudante começasse contando uma história com muita melodia, e, na sequência, cada colega continuaria a história, procurando enfatizar, fazer pausas bem colocadas e modificar *pitch*, *loudness* e velocidade, durante a fala;
- Foi solicitado que cada estudante trouxesse uma locução comercial para o próximo encontro.

4.7.5 Quinto encontro

Objetivos:

- Levar os alunos a rever o assunto recursos vocais, como o uso dos recursos de ênfases, pausas, variação de *pitch*, *loudness* e velocidade;
- Permitir que os alunos associassem o uso dos recursos vocais, nos diferentes tipos de locução comercial;
- Incentivar a percepção auditiva dos alunos, visando potencializar a atenção e a escuta.

Procedimentos:

- Partindo da locução de cada um, foram orientados a ler, procurando variar cada recurso visto, no encontro anterior;
- Foram apresentados diferentes tipos de locução comercial (clássica, varejo, institucional, espera telefônica e esportiva) e seus respectivos usos de recursos vocais;

- Foi proposto que cada estudante fizesse uma atividade de atenção auditiva e controle de voz, por meio do *software Fono Tools 3* (versão 3.4h), utilizando-se a opção de atraso de voz. Cada um deveria simular a apresentação de um programa de rádio, ficando livre o estilo;
- Foram apresentados dois textos, para que lessem de forma interpretativa, com ênfases, melodia e gestos condizentes (Anexo 18).

4.7.6 Sexto encontro

Objetivos:

- Levar os alunos a rever todos os assuntos discutidos em aula, com o objetivo de revisar os temas para a prova escrita;
- Gravar cada estudante durante a leitura da mesma locução comercial proposta na primeira aula.

Procedimentos:

- Todos os temas abordados durante os encontros foram retomados, como auxílio para a prova escrita (obrigatoriedade da escola);
- Cada estudante, novamente, leu a locução comercial, procurando aplicar os conhecimentos obtidos durante os encontros;
- Realizaram a prova escrita.

4.7.7 Sétimo encontro

Objetivos:

- Devolutiva da prova escrita;
- Levar os alunos a identificar parâmetros positivos e negativos em suas locuções.

Procedimentos:

- Cada estudante recebeu a prova e a respectiva nota, sendo que foi retomada cada questão para eliminar dúvidas;
- O grupo escutou as vozes nos momentos pré e pós-intervenção e, a cada par de vozes ouvidas, marcaram, em uma folha, três pontos positivos e um ponto a melhorar da voz, no momento pós-intervenção.
- Cada estudante recebeu o *feedback* do grupo e do instrutor.

5 RESULTADOS

Os resultados do presente trabalho estão apresentados nas tabelas de 1 a 4 e no quadro 1:

A Tabela 1 apresenta a caracterização da amostra de estudantes de rádio, de acordo com o sexo e a idade.

A Tabela 2 demonstra a caracterização dos juízes, de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade.

A Tabela 3 representa o julgamento do melhor desempenho dos estudantes de rádio, de acordo com a situação (pré ou pós-intervenção), na opinião dos ouvintes.

A Tabela 4 exhibe a distribuição numérica e percentual da melhora dos estudantes, após a intervenção fonoaudiológica, segundo os ouvintes de rádio.

O Quadro 1 indica os dados referentes à avaliação fonoaudiológica das melhores e da pior voz.

Tabela 1 – Caracterização da amostra de estudantes de rádio, de acordo com o sexo e a idade.

Variável	n	%
Sexo		
Masculino	15	68,18
Feminino	7	31,81
Idade (anos)		
Mínimo – Máximo	20 - 47	
Média	27,81	

Tabela 2 – Caracterização dos juízes, de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade.

Variável	n	%
Sexo		
Masculino	19	47,5
Feminino	21	52,5
Idade (anos)		
Mínimo – Máximo	19 - 59	
Média	42,19	
Escolaridade		
Fundamental	1	
Médio	20	
Superior	19	

Tabela 3 – Julgamento do melhor desempenho dos estudantes de rádio, de acordo com a situação (pré ou pós-intervenção), na opinião dos ouvintes.

	Melhora Pré		Melhora Pós		Iguais	
	n	%	n	%	n	%
1	7	17,5	33	82,5	0	0
2	6	12,5	31	77,5	3	7,5
3	10	25	22	55	8	20
4	7	17,5	32	80	1	2,5
5	4	10	21	52,5	15	37,5
6	5	12,5	26	65	9	22,5
7	3	7,5	25	62,5	12	30
8	4	10	21	52,5	15	37,5
9	7	17,5	19	47,5	14	35
10	5	12,5	24	60	11	27,5
11	6	15	32	80	2	5
12	6	15	31	77,5	3	7,5
13	6	15	15	37,5	19	47,5
14	5	12,5	35	87,5	0	0
15	2	5	36	90	2	5
16	6	15	31	77,5	3	7,5
17	7	17,5	22	55	11	27,5
18	7	17,5	20	50	13	32,5
19	2	5	36	90	2	5
20	6	15	29	72,5	5	12,5
21	0	0	34	85	6	15
22	4	10	29	72,5	7	17,5

Tabela 4 – Distribuição numérica e percentual da melhora dos estudantes, após a intervenção fonoaudiológica, segundo os ouvintes de rádio.

Melhora	n	%
Não	3	13,64
Sim	19	86,36

Teste de Proporção para uma amostra ($p < 0,001$)

Quadro 1 – Distribuição dos dados da análise fonoaudiológica das melhores e da pior voz.

Parâmetros	melhor voz 1	melhor voz 2	pior voz
Qualidade vocal	hipernasal	hipernasal	adequada
Ataque vocal	isocrônico	isocrônico	brusco
<i>Pitch</i> vocal	médio	médio	excessivamente agudo
<i>Loudness</i> vocal	médio	médio	reduzido
Ressonância vocal	foco hipernasal	foco hipernasal	uso equilibrado
Coordenação PFA	incoordenação com uso do ar de reserva	presente	presente
Articulação	precisa	precisa	precisa
Modulação	rica	rica	reduzida
Ritmo de leitura	adequado	adequado	adequado

6 DISCUSSÃO

A necessidade de estudos que avaliem a efetividade de intervenções fonoaudiológicas tem se tornado cada vez mais evidente. Nota-se que as intervenções estão, a cada dia, sendo mais aplicadas em diferentes grupos de profissionais da voz, porém, estudos que denotem a importância e demonstrem resultados consistentes de sua eficácia não são realizados com frequência. O termo “assessoria” compreende a realização de uma análise da questão colocada pelo cliente que procura o profissional e um planejamento de ação identificando eventuais problemas e a sugestão de possíveis soluções para esta demanda (FERREIRA, 2004). Segundo a autora, dentre as pesquisas, na área, são mais comuns as que traçam um perfil de diferentes categorias de profissionais da voz. Algumas poucas relatam experiências com profissionais que comparam dados objetivos do início e do final da intervenção (MOREIRA-FERREIRA, et al.1998; BORREGO e BEHLAU, 2004; BORREGO et al., 2006; FARGHALY e ANDRADE, 2008).

Buscou-se, neste estudo, desenvolver uma intervenção dinâmica de aprimoramento dos recursos vocais para tornar a comunicação mais eficaz, apropriada e agradável aos futuros ouvintes.

Em um estudo com 21 alunos de locução, pré e pós-orientação e treinamento vocal, observou-se melhora em 62% dos alunos quanto à qualidade vocal, o que reforça a importância do desenvolvimento de programas de treinamento da voz e comunicação para alunos de locução na formação de sua voz profissional (MOREIRA-FERREIRA et al., 1998).

Atualmente, a abordagem fonoaudiológica com estudantes de cursos de formação de radialistas tem sido cada vez mais necessária e solicitada para aprimorar o desempenho futuro dentro de uma emissora de rádio.

Este fato leva-os a buscar o desenvolvimento vocal em: flexibilidade da voz, aspectos de articulação, pausas, duração, ênfases, velocidade, variações na modulação, para que, assim, haja efetividade, naturalidade e credibilidade da comunicação, por meio de estratégias de treinamento da percepção auditiva

(BEHLAU, 2000; KYRILLOS, 2003; FERREIRA, 2004; BEHLAU et al., 2005; PANICO, 2004).

A variação dos recursos vocais na fala, principalmente a profissional, determina o grau de expressividade de um indivíduo e está relacionada também ao sujeito que fala, ao significado, à intenção da mensagem e à sensibilização do uso variado, fato que enriquece a fala e previne que a mesma seja emitida de forma monótona e repetitiva (KYRILLOS, 2004). Assim, a expressividade tem sido o foco da atuação fonoaudiológica com este grupo.

STIER e COSTA NETO (2004) referiram a importância da expressão e da naturalidade, afirmando que as palavras expressam variados sentimentos e estados de espírito do sujeito. Portanto, o verdadeiro significado da mensagem está atrelado à maneira com que foi dita, ao invés de somente ao seu conteúdo.

Outro ponto importante, segundo os autores, é que a voz dá credibilidade ao conteúdo da fala. Assim, definem a expressividade como a forma de tornar vivo o pensamento do indivíduo pela linguagem.

A intervenção realizada, nesta pesquisa, fundamentou-se na forma de expressão do conteúdo, como referido pelos autores, com o intuito de sensibilizar os estudantes quanto ao uso de cada recurso da expressividade, por meio de atividades que permitissem a vivência, as sensações transmitidas ao interlocutor e a percepção e escuta individual, e do grupo, a este respeito.

A expressividade na comunicação tem sido alvo de muitos estudos, que demonstram que a voz revela as intenções por meio de palavras, sendo assim, poderia ser considerada como a expressão sonora da personalidade em que o enunciado dito, de várias formas, é variável, de acordo com o estado emocional do falante (BLOCH, 1977; SUNDBERG, 1987).

Ao falar, o indivíduo transmite alguma forma de impacto ao ouvinte, positivo ou negativo, e deve condizer com o contexto comunicativo. Esta leitura, denominada “psicodinâmica vocal”, é manifestada por meio de pausas, no discurso, e melodia, na fala (BEHLAU e ZIEMER, 1988). Este ponto foi

trabalhado, amplamente, durante a intervenção, através da auto-percepção, para que, assim, os estudantes pudessem observar, durante a interpretação de uma locução comercial, a imagem que transmitiam ao falar.

MADUREIRA (2004) afirma que a expressividade da fala considera o uso simbólico dos sons, sendo que os recursos utilizados, variados ou não, conferem à voz certo sentido, de acordo com o que se deseja transmitir ao interlocutor. Assim, uma fala com variação melódica rica ou uma fala monótona podem ser consideradas expressivas, porém com significados diferentes. Este conceito difere do que alguns autores dizem sobre a fala expressiva, pois consideram que a mesma possui variações melódicas e rítmicas.

Juntamente com a mensagem, a voz carrega informações características do falante através do sotaque, tom de voz, qualidade vocal e suas mudanças, sendo assim, não somente o que se diz é o que transmite a mensagem, mas a forma como se diz, devido a isto, é de grande importância buscar o equilíbrio entre a informação e a emoção (LAVER, 1994; BOONE e MCFARLANE, 1994; POLITO, 1998).

A intervenção fonoaudiológica, realizada nesta pesquisa, foi direcionada de forma a orientar e sensibilizar os estudantes sobre a importância de transmitir uma fala clara e flexível, quanto ao uso dos recursos vocais. Durante os encontros, foi explanado, de forma breve, os mecanismos de produção da voz, orientações sobre o bem-estar vocal, o conceito e a prática dos exercícios de aquecimento vocal, assim como a prática e a sensibilização dos estudantes sobre os recursos vocais e não-verbais. Foi reservado um tempo maior para os exercícios relacionados aos recursos vocais e a percepção de seu uso.

Ao explicar a respeito dos mecanismos de produção da voz, notou-se o desconhecimento de aspectos básicos, da maior parte dos alunos. Considerou-se importante a abordagem de alguns fundamentos relacionados à produção da voz, seguindo a proposta de KYRILLOS (2003), que sugeriu a forma de orientação fonoaudiológica com a ideia de “conhecer para melhor atuar”.

No momento em que foi discutido o bem-estar vocal, ficou nítido o pouco conhecimento sobre o assunto. Com base em outros estudos de intervenção o tema foi discorrido de forma a orientá-los sobre a importância de se observar alguns comportamentos vocais, que podem ser, conforme o sujeito, abusivos à voz, como: tabagismo; etilismo; alergias; hábitos vocais inadequados, como a competição vocal; efeitos do ar condicionado; tipo de vestuário; efeitos de determinados esportes sobre a voz; alterações hormonais e medicamentos. Como hábitos positivos, foram orientados a hidratar-se, consumir maçã, devido à propriedade adstringente, e praticar exercícios de aquecimento vocal. Segundo FERREIRA (2004), o bem-estar vocal é visto não como uma lista de proibições, mas, sim, como uma série de conceitos a serem incorporados, de acordo com as necessidades e particularidades de cada um.

Com relação ao aquecimento vocal, foram abordados quatro grupos de exercícios: alongamento da região da cintura escapular, técnicas de respiração e coordenação pneumofonoarticulatória, exercícios de voz e de articulação. Antes dos exercícios, foi solicitado que os alunos emitissem a vogal sustentada “é” e a contagem dos números, de 1 a 10, e, após os exercícios, a mesma vogal e novamente a contagem de números. Os estudantes referiram que a voz estava mais projetada, que estava “mais fácil” de falar, que sentiram mais conforto ao falar e melhor distribuição da ressonância.

No processo de comunicação, são utilizados recursos verbais, vocais e não-verbais, que transmitem as informações. Estes recursos precisam se apresentar de forma coerente para atingir uma comunicação efetiva. Dentre os recursos vocais, segundo alguns autores (KYRILLOS, 2003; STIER e COSTA NETO, 2004; FERREIRA, 2004; BEHLAU et al., 2005; PANICO, 2005), estão: uso de ênfases e pausas estratégicas; curva melódica rica e variada; intensidade adequada ao tipo de texto; articulação precisa dos sons da fala, ampla e sem exageros; variações prosódicas, por meio de mudanças de *pitch*, *loudness*, ritmo e velocidade de fala.

Outra terminologia, utilizada por OLIVEIRA (1998), é a entoação, que ocorre por meio de diferentes combinações e variações de curvas melódicas,

intensidade e duração. Segundo a autora, o aumento de intensidade, a variação da entoação com curvas melódicas ascendentes e aceleração, no ritmo da fala, transmitem empolgação.

FARGHALY (2002) descreve também a importância do treino de adequação da entoação, ênfase de palavras-chave e finalização da locução, com o objetivo de explorar os diferentes sentidos que um vocábulo pode assumir em contextos variados.

Na maior parte das pesquisas, com intervenção fonoaudiológica com radialistas, há o trabalho da expressividade com os recursos de entoação, curva melódica, *pitch*, *loudness* e velocidade de fala (BORREGO e BEHLAU, 2004; BORREGO et al., 2004; BORREGO, 2004; BORREGO et al., 2006; FARGHALY e ANDRADE, 2008), porém pouco se comenta sobre os aspectos relacionados à percepção e à escuta de cada um destes parâmetros. Aspecto este focado durante a intervenção realizada neste trabalho.

Com fins didáticos, cada recurso foi tratado separadamente, a fim de facilitar a assimilação dos estudantes. Os aspectos vocais foram: uso de ênfases e suas variações, como as pausas, como forma de enfatizar as inflexões, as variações de *pitch*, *loudness* e velocidade de fala, a curva melódica e a articulação. Todos estes recursos envolvem aptidões particulares e dependem de experiências anteriores, de cada indivíduo, porém, são estratégias essenciais para o desenvolvimento da expressão mais efetiva (AZEVEDO, 2007). Ter mais sensibilização do próprio corpo, da voz e conhecimento dos fatores que interagem para sua produção, possibilita, certamente, atingir uma melhor atuação profissional (KYRILLOS, 2003).

O trabalho da expressividade foi baseado em discussões e dinâmicas, segundo sugestões encontradas na literatura com relação ao uso dos seguintes parâmetros: ênfases (SANTOS, 1953; SAMPAIO, 1971; CÂMARA JUNIOR, 1977; KNAPP, 1982; BEAN et al., 1989; NOGUEIRA, 1998); pausas como recurso de ênfase (DELYFER, 1988; CAGLIARI, 1992; BOONE, 1996; RAMOS, 1996; MEDRADO, 2002; VIOLA e MADUREIRA, 2006); variações do *pitch* (LEITE e VIOLA, 1995; VASCONCELOS, 1995; MOREIRA-FERREIRA et

al., 1998) e outras correlações entre os recursos vocais (BEHLAU e PONTES, 1995; FERREIRA, 1995; BEHLAU E REHDER, 1997; OLIVEIRA, 1997; PENTEADO, 1998; NOGUEIRA, 1998; OLIVEIRA, 1998; KNAPP E HALL, 1999; FEIJÓ, 2003; BEHLAU et al., 2005; PANICO, 2005).

A forma de trabalhar com os recursos citados foi brevemente teórica e essencialmente prática, por meio de marcações em textos radiofônicos, gravações em áudio para análise posterior, apresentação de locuções veiculadas em rádios profissionais e exercícios de atenção auditiva.

A intervenção foi planejada com apoio na proposta de ZABALA (1998), que afirma que a condição essencial para a aprendizagem de um procedimento implica na realização de ações que o compõem: a exercitação múltipla como elemento imprescindível para o domínio competente; a reflexão sobre a própria atividade, o que permite que se fique atento durante a atuação; e a aplicação em contextos diferenciados, que se baseia no fato de que aquilo que se aprende será mais útil na medida em que se possa aplicar em situações não previsíveis.

Na intervenção fonoaudiológica, deve-se estar atento para que a atuação não seja apenas de caráter informativo (FERREIRA, 2004). É necessário sensibilizar aos poucos o profissional e acredita-se ser esta uma metodologia que facilita a compreensão.

Na Tabela 1, pode-se verificar a caracterização da amostra de estudantes de rádio, de acordo com o sexo e a idade, o que vai na mesma direção de outras pesquisas com estudantes de radialismo, no que diz respeito a estes parâmetros (BORREGO, 2004; BORREGO et al., 2004; FARGHALY e ANDRADE, 2008).

A Tabela 2 demonstra a caracterização dos juízes, de acordo com o sexo, a idade e a escolaridade. A escolha dos juízes baseou-se nos dados da revista *Mídia Dados* (2009), que demonstra que as mulheres ouvem mais rádio quando comparadas aos homens, a faixa etária é de 19 a 49 anos e a classe econômica predominante é A2 a C.

Na Tabela 3, nota-se que grande parte das opiniões concentra-se no período pós-intervenção fonoaudiológica, o que justifica o quanto uma intervenção, fundamentada na literatura e nas pesquisas recentes, pode contribuir para o desenvolvimento e capacitação na expressividade de futuros locutores.

Vários estudos, com alunos de radialismo, concluíram que há efeitos positivos na atuação pós-intervenção (MOREIRA-FERREIRA et al., 1998; BORREGO e BEHLAU, 2004; BORREGO et al., 2004; BORREGO et al., 2006; FARGHALY e ANDRADE, 2008), o que corrobora os achados desta pesquisa, que encontrou efeitos diretamente focados na interpretação de uma locução comercial, o que irá facilitar a entrada destes profissionais no mercado de trabalho. A partir do momento em que os ouvintes de rádio, público-alvo deste segmento profissional, consideram que há evolução após a intervenção fonoaudiológica, este fato pode servir como incentivo para o estudante continuar a aperfeiçoar suas habilidades comunicativas.

Na Tabela 4, pode-se verificar que a proporção de indivíduos que obteve melhora após o curso foi elevada, o que revela que a intervenção fonoaudiológica proporcionou melhora significativa na expressividade dos futuros locutores. É importante ressaltar que o módulo de Fonoaudiologia, no curso de formação de locutores, ocorreu de forma concomitante com outras disciplinas, o que determina que outros fatores podem ter colaborado com a evolução na expressividade dos estudantes. A impossibilidade de controlar todos os aspectos é um dos fatores que dificulta as pesquisas relacionadas à intervenção, e justifica, em parte, a pouca ocorrência delas como foco de pesquisa.

Com relação à análise fonoaudiológica (Quadro 1), notou-se que os parâmetros que interferiram na seleção das melhores vozes foram: o ataque vocal, a variação de *pitch* e *loudness* e a modulação.

O ataque vocal foi considerado brusco, na pior voz, e isocrônico, nas melhores; o *pitch*, agudo, na pior voz, e médio, nas melhores; o *loudness*, reduzido, na pior voz, e médio, nas melhores; e a modulação, reduzida, na pior,

e rica, nas melhores, o que indica que os parâmetros: ataque vocal, *pitch*, *loudness* e modulação são considerados importantes durante a interpretação de uma locução comercial radiofônica.

Desta forma, uma locução interpretada com *pitch* muito agudo, *loudness* reduzido, pouca variação de modulação e presença de ataque vocal, pode ser considerada negativa, ao ouvinte de rádio, que pode não efetivar a aquisição do produto ou serviço em questão, já que alguns parâmetros, como credibilidade e segurança, por exemplo, podem estar comprometidas.

Os parâmetros que não foram considerados decisivos, no julgamento dos ouvintes de rádio, foram: qualidade vocal, ressonância e coordenação pneumofonoarticulatória.

Com relação à qualidade vocal, foi considerada adequada, na pior voz, e hipernasal, nas duas melhores; o mesmo ocorreu com a ressonância vocal, que, na pior voz foi considerada equilibrada e nas melhores com foco hipernasal. Este fato pode ser justificado talvez pela impressão que se deseja transmitir aos ouvintes. Segundo os autores BEHLAU e PONTES (1995), a ressonância nasal, quando em grau discreto, pode transmitir sensações de carinho ou sensualidade, quando em grau maior, a interpretação de uma voz fanha.

Quanto à coordenação pneumofonoarticulatória, esta foi considerada presente, na pior e em uma das melhores vozes, e incoordenada, com uso de ar de reserva, na outra melhor voz. Parecem evidências que, uma alteração discreta pode não interferir como fator determinante durante a interpretação de uma locução comercial radiofônica, talvez devido ao tamanho pequeno da locução proposta ao grupo.

Com relação aos parâmetros: articulação e ritmo de leitura, não houve variações entre a pior e as melhores vozes.

Os dados encontrados corroboram o que a literatura diz a respeito deste assunto. No estudo de BORREGO et al. (2004), realizado com um grupo de 25 alunos de um curso de locução, onde houve a comparação das análises

perceptivo-auditivas de leigos e fonoaudiólogos, o que mais caracterizou positivamente a locução, segundo pessoas leigas, foi o uso de ênfase, o mesmo parâmetro que chamou atenção durante a avaliação fonoaudiológica. Segundo a autora, o foco do trabalho fonoaudiológico deve ser o de utilizar este recurso para que se ganhe flexibilidade no uso vocal.

Os parâmetros encontrados neste estudo, como diferenciados no momento pós-intervenção, também corroboraram a pesquisa desenvolvida por FARGHALY e ANDRADE (2008), que avaliaram a eficácia de um Programa Fonoaudiológico para Formação de Locutores de Rádio, aplicado aos alunos de um curso profissionalizante de locução, por meio de uma gravação, no início e final do curso. As autoras referiram que os parâmetros relacionados à boa locução foram: variação de *loudness*, modulação, ressonância, coordenação pneumofonoarticulatória, articulação, ritmo e velocidade de fala na leitura.

Outra pesquisa, em que se observam resultados semelhantes aos encontrados neste estudo, foi o de BORREGO et al. (2006), com 25 estudantes de radialismo, que gravaram a mesma notícia no início e no final do curso e foram avaliados por fonoaudiólogos especialistas em voz, que comentaram que os parâmetros que melhor caracterizaram a leitura pós-treinamento foram: maior ocorrência de ênfases, seguido por tipo de voz e variações no *pitch*.

Pode-se dizer que nas várias pesquisas consultadas não há consenso quanto à terminologia referente à modulação, entoação e ênfases. Alguns autores consideram a modulação como o trecho final de um enunciado (KNAPP, 1982), ou a variação de velocidade, intensidade e frequência (FEIJÓ, 2003), o que denota que há divergências quanto ao real sentido da expressão. Neste estudo, a modulação foi considerada como a variação de *pitch*, *loudness* e velocidade. A entoação é considerada como o elemento prosódico mais utilizado para destacar atitudes do falante (CAGLIARI, 1992), e pode ser caracterizada pelo aumento da duração dos fonemas, hiperarticulação, alongamento de vogais e consoantes fricativas, número de pausas e variação do *pitch* (RAMOS, 1996). Dentro dos tipos de ênfases, destacam-se as pausas, que também variam de acordo com diferentes aspectos: função, tipo, duração e

distribuição, no contínuo da fala. Com relação à função, as ênfases podem ser: discursivas, enfáticas, dramáticas e reflexivas; quanto ao tipo, podem ser: respiratórias, silenciosas ou preenchidas; quanto à duração, podem ser de curta a longa; quanto à distribuição, podem ser regulares ou irregulares (VIOLA e MADUREIRA, 2006). Tal fato demonstra que há a necessidade de uma padronização dos termos utilizados para que haja clareza nas informações e nas pesquisas que referem cada um deles.

Na intervenção realizada nesta pesquisa, foram destacados os seguintes tipos de ênfases: variação do *pitch*; variação do *loudness*; variação da velocidade; mudanças no tipo de voz; variações no padrão articulatório; variações nas durações das pausas e na tonicidade das palavras. Os participantes foram orientados quanto ao uso variado destes recursos, de acordo com a palavra-chave, da frase ou mensagem e o sentido da mesma.

A intervenção despertou, nos estudantes de radialismo, o interesse em continuar aperfeiçoando os parâmetros da comunicação, buscando um acompanhamento fonoaudiológico, no término do curso.

Baseando-se nos aspectos desenvolvidos neste estudo, pode-se apontar algumas considerações para futuras pesquisas. Recomenda-se, como foi realizado nesta pesquisa, mapear a demanda, a fim de conhecer as peculiaridades do profissional, alvo do estudo, assim como conhecer o seu ambiente de trabalho, a sua rotina vocal e as noções que o mesmo tem a respeito do bem-estar vocal. Quanto aos recursos de expressividade, avaliar antes e após o processo de intervenção, para que seus efeitos possam ser cuidadosamente registrados.

Outros aspectos importantes, também considerados neste estudo, foram relacionados à garantia das condições de trabalho: em relação aos horários, de início e término; bem como ao ambiente físico e aos materiais utilizados em cada encontro, como textos, rolhas, bexigas, entre outros; à gravação e/ou filmagem, a fim de registrar as etapas da intervenção; à avaliação dos resultados, também na perspectiva dos participantes, observando, assim, a

percepção de cada um; e, no momento da intervenção, o investimento na auto-percepção dos profissionais e observação dos outros.

Quanto a futuras pesquisas, sugere-se o estudo mais detalhado das diferentes terminologias utilizadas no meio fonoaudiológico, buscando-se caracterizar a melhor forma de nomear cada parâmetro, especificando o sentido de cada um, para que, assim, seja possível a existência de estudos padronizados e mais consistentes na área. Isto também facilitará as publicações científicas.

Outra sugestão é que estudos relacionados a este público sejam realizados com um grupo controle, ou seja, um grupo que receba a intervenção fonoaudiológica e participe das outras disciplinas do curso e um grupo que não receba intervenção fonoaudiológica. Assim, haverá maior garantia da efetividade da intervenção.

7 CONCLUSÕES

Os resultados obtidos neste estudo permitem concluir que a intervenção fonoaudiológica focada no trabalho com os recursos vocais, principalmente relacionados à ênfase, produziu efeitos na expressividade oral durante a leitura de uma locução comercial radiofônica de alunos de um curso de formação de radialistas. Na comparação entre a pior e as melhores vozes avaliadas, os parâmetros que melhor evidenciam a melhora da expressividade, quando esta é comparada, antes e depois da intervenção, foram o uso de ataque vocal isocrônico as variações de *pitch* e *loudness*, que se traduzem na modulação.

8 REFERÊNCIAS

- Azevedo JBM. Análise dos efeitos de uma intervenção fonoaudiológica realizada junto a telejornalistas [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2007.
- Bean C, Folkin JW, Cooper WE. The effects os emphasis on passage comprehension. *J Speech Hear Res* 1989;32:707-712.
- Behalu M. A Voz. In: Informativo Clube da Voz. São Paulo; 2000; 3:9.
- Behlau M, Feijó D, Madazio G, Rehder MI, Azevedo R, Moreira-Ferreira AE. Voz profissional: aspectos gerais e atuação fonoaudiológica, In: Behlau M, organizador. *Voz: o livro do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.v.2, p.287-407.
- Behlau M, Pontes P. Avaliação e Tratamento das disfonias. São Paulo: Lovise; 1995. 312p.
- Behlau M, Rehder MI. Higiene Vocal para o Canto Coral. Rio de Janeiro: Revinter; 1997.
- Behlau M, Ziemer R. Psicodinâmica vocal. In: Ferreira LP. *Trabalhando a voz*: São Paulo: Summus; 1988. p. 71-88.
- Bloch P. *Você quer falar melhor?* Rio de Janeiro: Bloch; 1977.
- Boone DR. *Sua voz está traindo você? Como encontrar e usar sua voz natural*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996. 197p.
- Boone DR, McFarlane SC. *A Voz e a terapia vocal*. 5ª ed. São Paulo: Artes Médicas; 1994.
- Borrego MCM. *Efeitos do treinamento de voz e fala em alunos do curso de radialista [monografia]*. São Paulo: Centro de Estudos da Voz; 2004.
- _____. Expressividade no Rádio. In: Kyrillo, LR. *Expressividade: Da Teoria à Prática*. Rio de Janeiro: Revinter; 2005. p.151-162.
- Borrego MCM, Behlau M. *Efeitos do treinamento de voz e fala em alunos do curso de radialista*. In: XII Congresso de Fonoaudiologia, 2004. Foz do Iguaçu. Anais. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
- _____. Recursos de ênfase utilizados por indivíduos com e sem treinamento de voz e fala. In: 2º Composium Internacional da IALP; 2007; São Paulo. *Programas e Anais do 2º Composium Internacional da IALP*; 2007. p.42-43.

- Borrego MCM, Diaféria G, Gasparini G, Behlau M. Comparação de avaliações perceptivo-auditivas de fonoaudiólogos e leigos na análise de leitura de notícias pré e pós-treinamento de locução. In: XII Congresso de Fonoaudiologia, 2004. Foz do Iguaçu. Anais. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
- Borrego MCM, Gasparini G, Behlau M. The effects of a specific speech and language training program on students of a radio announcing course. *J Voice*, 2006 [cited 2006 Apr 28] DOI:10.1016/j.jvoice.2006.03.003. Available from: <<http://www.jvoice.org/article/PIIS0892199706000373/pdf>>.
- Cagliari LC. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Caderno de Estudos Linguísticos*. 1992; (23):137-151.
- Câmara Júnior JM. Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa. 2ª ed. RJ: Ao Livro Técnico; 1977.
- César C. Como falar no rádio – prática de locução AM e FM. 10ª ed., Summus, 2009.
- Coll C. Aprendizagem escolar e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Cotes CSG. Gesto corporal e articulatório. In: Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2004; Foz do Iguaçu, BR: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2004.
- Delyfer C. Phénomènes de pause. Université de Bordeaux III. França; 1988. p. 23-246.
- Diniz JM. Semiótica vocal: os efeitos da qualidade de voz na locução publicitária. São Paulo: s.n., 2002. 113f.
- Farghaly SM. Despertar de um novo encontro: a estética vocal e a comunicação radiofônica. In: Ferreira LP, Silva MAA. Saúde vocal: práticas fonoaudiológicas. São Paulo: Roca; 2002. p.169-173.
- _____. Programa fonoaudiológico para formação de locutores de rádio: proposta e avaliação da eficácia [dissertação de mestrado]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2005.
- Farghaly SM, Andrade CRF de. Programa de treinamento vocal para locutores de rádio. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* [online]. 2008, vol.13, n.4, p.316-324.
- _____. Programa fonoaudiológico para formação de locutores de rádio: proposta e avaliação da eficácia [CD-ROM]. In: XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2005; Santos. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia – Suplemento Especial*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005.

Feijó D. Avaliando a comunicação oral. In: Kyrillos LR. Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiência na Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Revinter, 2003. p.75-88.

Ferreira, AB de H. Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa. Versão 5.0, 3ª ed., Editora Positivo, 2005.

Ferreira LP. Achados fonoaudiológicos em grupos de 16 radialistas atuantes em emissoras de rádio na cidade de São Paulo. In: Anais do III Congresso Internacional de Fonoaudiologia. São Paulo, 1995. p.146; p.278.

_____. Assessoria fonoaudiológica aos profissionais da voz. In: Ferreira LP, Befi-Lopes DM, Limongi SCO (organizadoras). Tratado de fonoaudiologia. São Paulo: Rocca; 2004. p.138-149.

Ferreira LP, Chieppe DC. Quando as práticas fonoaudiológicas são educativas. *Disturb Comun* 2005;17(1):123-6.

Fónagy I. *La vive voix*. Paris: Payot, 1983

Ghirardi ACAM. Expressividade no rádio: a prática fonoaudiológica em questão. [monografia de conclusão do Curso de Especialização em Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo] São Paulo: Voz, 2004.

Guerra, JR. Perfil acústico da locução radialística: parâmetros de frequência e duração. São Paulo: s.n., 2002. 62f.

Jacarandá MB. Aquecimento vocal: os efeitos perceptivo-auditivos, acústicos e as sensações proprioceptivas de uma proposta de intervenção fonoaudiológica junto ao professor [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2005.

Knapp ML. *La comunicación no verbal: o cuerpo y o contorno*. Barcelona: Paidós; 1982; 3 ed.

Knapp ML, Hall AJ. *Comunicação não-verbal na interação humana*. [tradução: Mary Amazonas Leite de Barros] São Paulo; JSN; 1999.

Kyrillos LR. Voz: conhecer para melhor atuar. In: Kyrillo LR. Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiência na Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Revinter, 2003. p.113-118.

_____. Voz na mídia. In: Ferreira LP, Lopes DMB, Limonge S. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca; 2004. p.150-165.

Kyrillos LR, Lourenço IC, Ferreira LP, Toledo FB. Posturas comunicativas de radialistas de AM e FM. *Pró-Fono*. 1995;7:28-31.

Laver J. *Principles of phonetics*. Cambridge: Cambridge University Press; 1994.

Leite APRC, Viola IC. A qualidade vocal em locutores de rádio AM e FM, Pró-Fono Revista de Atualização Científica, Edição Especial, Carapicuíba: 7:37-40, 1995.

Lopes FTA – Hábitos vocais de profissionais do rádio. Pro-Fono Revista de Atualização Científica. 1999;11(1):100-5.

Madureira S. Expressividade da fala. In: Kyrillos LR. Expressividade: da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter; 2004. p.15-25.

Medrado RB. Locução publicitária: análise perceptivo-auditiva e acústica de recursos vocais [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2002.

Moreira-Ferreira AE, Dragone ML, Behlau M. Acoustical analysis pre and post vocal orientation and training in radio announcer students. In: 24th World Congress of the International Association of Logopedics and Phoniatrics – IALP; 1998; Amsterdam. Anais. Amsterdam: Nijmegen University Press; 1998. p.67.

Navarro, CA. Perfil vocal e análise acústica da qualidade vocal de locutores esportivos. [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2000.

Navarro CA, Behlau M. O perfil vocal dos locutores: profissionais da voz em publicidade. In: Behlau M. A voz do especialista. Rio de Janeiro: Revinter; 2001. p.57-76.

Nogueira ALFR. Análise da constituição do estilo oral por radialistas: um estudo fonético-acústico comparativo. In: Ferreira LP. Dissertando sobre voz. Carapicuíba: Pró-Fono; 1998. p.63-98.

Oliveira IB de. A Educação vocal na radiofusão: relato de trabalho fonoaudiológico desenvolvido com noventa radialistas. In: Ferreira LP (organizadora). Trabalhando a Voz. São Paulo: Summus; 1988. p.28-39.

_____. Atuação fonoaudiológica com locutores de rádio. In: Lopes Filho O. Tratado de Fonoaudiologia. São Paulo: Roca; 1997. p.751-761.

_____. Educação vocal na radiodifusão. In: Ferreira LP. Trabalhando a voz. São Paulo: Summus; 1998. p.28-39.

_____. Professores com distúrbios vocais: efeitos do método de ressonância Lessac-Madsen [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2007.

Oliveira RH de. Voz profissional: conhecendo o perfil vocal de locutores de varejo de Belém do Pará, 2002.

Panico ACB. Expressividade na fala construída. In: Kyrillos LR, organizadora. Expressividade – Da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2004 p.43-56.

_____. Julgamento do comportamento vocal de jornalistas em diferentes estilos de notícias e seus correlatos acústicos [tese de doutorado]. Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo; 2005.

Paoliello M, Behlau M, Gama ACC. Análise perceptivo-auditiva e caracterização dos recursos vocais de quatro estilos de locução comercial. [CD-ROM]. In: XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2005; Santos. Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia – Suplemento Especial. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2005.

Penteado RZ. Comunicação Mediática e o Uso Profissional da Voz: caracterização vocal de locuções publicitárias. In: Marchesan IQ, Zorzi JL, Gomes ICD. Tópicos em Fonoaudiologia 1997/1998. São Paulo: Lovise; 1998. p.597-618.

Polito R. Como falar corretamente sem inibições. São Paulo: Saraiva; 1998.

Ramos ALN. Análise de constituição do estilo oral por radialistas: um estudo fonético acústico comparativo. [dissertação de mestrado] São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1996.

Revista Mídia Dados. Editoração Eletrônica: Conexão Brasil Computação Gráfica Assessoria. Edição 2009, p. 300 e 301 [acesso em: agosto/2008] Disponível em: <<http://midiadados.digitalpages.com.br/home.aspx>>.

Sampaio W. Jornalismo audiovisual: teoria e prática do jornalismo no rádio, TV e cinema. Petrópolis: Vozes; 1971. p.117.

Santos MF. Técnica do discurso moderno. São Paulo: Logos, 1953.

Sodré MIM, Gil DMB, Andrada e Silva MA. A importância do aquecimento vocal para os locutores de rodeio. [CD-ROM] In: X Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e II Encontro Mineiro de Fonoaudiologia; Belo Horizonte: 2002. Anais.

Souza CCL. Identificação e caracterização da expressividade em vendedoras de planos de saúde no momento da negociação [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2007.

Stier MA, Costa Neto B. Expressividade – Falar com naturalidade e técnica no jornalismo de televisão. In: Kyrillos LR, organizadora. Expressividade – Da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2004 p.179-196.

_____. Oficina de narração. In: Kyrillos LR. Fonoaudiologia e telejornalismo: relatos de experiência na Rede Globo de Televisão. Rio de Janeiro: Revinter, 2003. p.19-31.

Sundberg J. The science of the singing voice. Dekolb: Nothern Illinois University, 1987. p. 56-146.

Vasconcelos LR. Análise perceptivo-auditiva das vozes de locutores e análise da linguagem comercial na radiodifusão das décadas de 30 a 90. In: Anais do III Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz. Rio de Janeiro; 1995. p. 28.

Viola IC, Madureira S. O comportamento da pausa no discurso e na expressão [CD-ROM]. In: 14^o Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2006 Out 04-07; Salvador. Anais. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2006.

Viola L., Kyrillos LR, Andrada Silva M. Modalidades de escuta no trabalho com voz. In: Anais do IXV Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2006, Salvador. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia; 2006.

Zabala A. A Função Social do ensino e a concepção sobre os processos de aprendizagem: instrumentos de análise. In: Zabala A. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed; 1998. p.27 – 52.

Bibliografia consultada

Behlau M. Vozes preferidas: considerações sobre opções vocais nas profissões. *Fono Atual* 2001;4:10-14.

Behlau M, Madazio G, Feijó D, Pontes P. Avaliação de voz. In: Behlau M. *Voz: o livro do especialista*. Rio de Janeiro: Revinter; 2001. p.85-245.

Cagliari LC. Da importância da Prosódia da descrição dos fatos gramaticais. In: Ilari, R (org.) *Gramática do Português falado: Níveis de análise Linguística*. v.2. Campinas Unicamp: 1993.

Câmara Júnior JM. *Dicionário de lingüística e gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 266p.

Cavalcanti MFPD. *Análise de recursos vocais em locução de telejornalismo*. [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2000.

Moreira-Ferreira AE, Dragone ML, Behlau M. Estudo acústico da voz pré e pós-orientação e treinamento vocal em estudantes de locução. In: Behlau M. *Laringologia e voz hoje: temas do IV Congresso Brasileiro de Laringologia e Voz*. Rio de Janeiro: Revinter; 1997.

Rother ET, Braga MER. *Como elaborar sua tese: estrutura e referências*. 2ª edição, São Paulo, 2005.

ANEXOS

ANEXO 1



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP
SEDE CAMPUS MONTE ALEGRE

Protocolo de Pesquisa nº 318/2008

Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Leslie Piccolotto Ferreira

Autor(a): Fernanda de Moraes Alves Rodrigues

PARECER sobre o Protocolo de Pesquisa, em nível de Dissertação de Mestrado, intitulado
Locução comercial: análise dos efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica

CONSIDERAÇÕES APROVADAS EM COLEGIADO

Em conformidade com os dispositivos da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), em que os critérios da relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa pesquisados foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

A exposição do Projeto é clara e objetiva, feita de maneira concisa e fundamentada, permitindo concluir que o trabalho tem uma linha metodológica bem definida, na base do qual será possível retirar conclusões consistentes e, portanto, válidas.

No entendimento do CEP da PUC-SP, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

CONCLUSÃO

Face ao parecer substanciado apensado ao Protocolo de Pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, em Reunião Ordinária de 15/12/2008, **APROVOU** o Protocolo de Pesquisa nº 318/2008.

Cabe ao(s) pesquisador(es) elaborar e apresentar ao CEP da PUC-SP – Sede Campus Monte Alegre, os relatórios parcial e final sobre a pesquisa, conforme disposto na Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, inciso IX.2, alínea "c", do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), bem como cumprir integralmente os comandos do referido texto legal e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS).

São Paulo, 15 de dezembro de 2008.

Prof. Dr. Paulo-Eggar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro de Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001
 Tel.: (0xx11) 36708466 – Fax: (0xx11) 36708466 – e-mail: cometica@pucsp.br

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO AOS ALUNOS DE UM CURSO DE LOCUÇÃO

Nome do participante:.....

Data:.....

Pesquisador(a): Fernanda de Moraes Alves Rodrigues
PUC-SP Rua Monte Alegre, 984 CEP: 05014-000 – Perdizes

1. *Título do estudo: Expressividade na Locução Comercial Radiofônica:* Análise dos efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica.
2. *Propósito do estudo:* verificar, em alunos de um curso de radialismo, os efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica na leitura de uma locução comercial. A verificação será feita por uma fonoaudióloga e por ouvintes de rádio.
3. *Procedimentos:* Serei solicitado a comparecer a um processo de intervenção fonoaudiológica, com sete encontros, com carga horária de três horas cada um, totalizando 21 horas de intervenção, com o objetivo de aprimorar a minha atuação no rádio.
4. *Riscos e desconfortos:* Não existem riscos ou desconfortos associados a este projeto.
5. *Benefícios:* Compreendo que existem benefícios diretos para mim como participante deste estudo. Entretanto, os resultados podem ajudar-me a avaliar os resultados da intervenção fonoaudiológica direcionada à demanda do exercício da locução.
6. *Direitos do participante:* Eu posso me retirar deste estudo a qualquer momento.
7. *Compensação financeira:* Fui esclarecido de que não haverá remuneração financeira.
8. *Confidencialidade:* De forma a registrar exatamente o meu desempenho pré e pós-intervenção fonoaudiológica, um registro em áudio será utilizado. A partir deste áudio será realizada uma avaliação do desempenho vocal por uma fonoaudióloga, especialista em voz, e por ouvintes de rádio. Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser publicados em jornais profissionais ou apresentados em congressos profissionais, mas que, minhas gravações não serão reveladas a menos que a lei o requisite.
9. Se tiver dúvidas posso telefonar para a Fga. Fernanda de Moraes Alves Rodrigues, no número (11) XXXX-XXXX a qualquer momento.

Eu compreendo meus direitos como participante desta pesquisa e, voluntariamente, consinto em fazer parte deste estudo. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo realizado. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

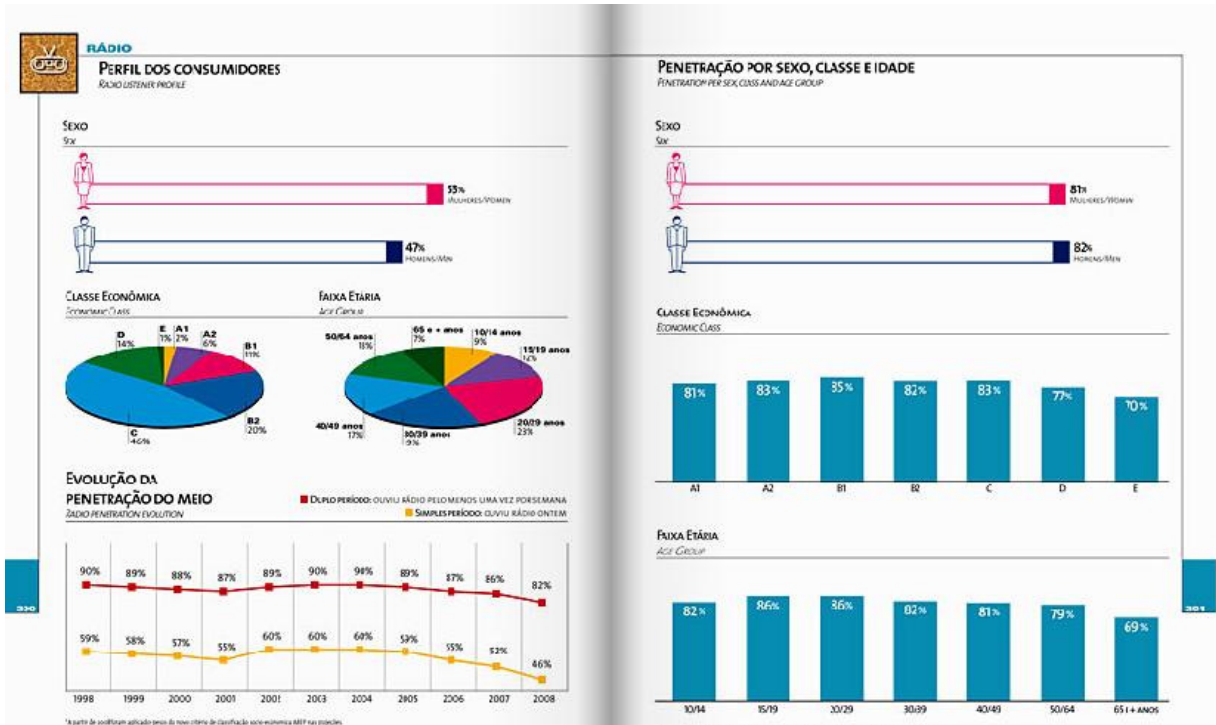
Assinatura do sujeito

Assinatura do pesquisador

Data

ANEXO 3

PERFIL DOS OUVINTES DE RÁDIO



ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO AOS JUÍZES

Nome do participante:.....Data:.....

Pesquisador: Fernanda de Moraes Alves Rodrigues

PUC-SP Rua Monte Alegre, 984 CEP: 05014-000 – Perdizes

1. *Título do estudo:* Análise dos efeitos de uma proposta de intervenção fonoaudiológica em locução comercial.

2. *Propósito do estudo:* verificar, na leitura de uma locução comercial, os efeitos de uma proposta fonoaudiológica, em alunos de um curso de radialismo, na perspectiva de ouvintes de rádio e de uma fonoaudióloga.

3. *Procedimentos:* Serei solicitado a avaliar as vozes de estudantes de um curso de formação de locutores, num processo de intervenção fonoaudiológica a ser realizado durante o período de sete encontros, com uma carga horária de três horas cada encontro, totalizando 21 horas de intervenção.

4. *Riscos e desconfortos:* Não existem riscos ou desconfortos associados a este projeto.

5. *Benefícios:* Compreendo que não existem benefícios diretos para mim como participante neste estudo. Entretanto, os resultados do mesmo podem ajudar os participantes a avaliar os resultados da intervenção fonoaudiológica direcionada à demanda dos alunos de locução.

6. *Direitos do participante:* Eu posso me retirar deste estudo a qualquer momento.

7. *Compensação financeira:* Fui esclarecido de que não haverá remuneração financeira.

8. *Confidencialidade:* De forma a registrar exatamente a minha opinião, irei preencher uma ficha de Avaliação Perceptivo-Auditiva. Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser publicados em jornais profissionais ou apresentados em congressos profissionais, mas que, minha opinião não será revelada a menos que a lei o requisite.

9. Se tiver dúvidas posso telefonar para a Fga. Fernanda de Moraes Alves Rodrigues, no número (11) XXXX-XXXX a qualquer momento.

Eu compreendo meus direitos como juiz desta pesquisa e, voluntariamente, consinto em participar deste estudo. Compreendo sobre o que, como e porque este estudo está sendo realizado. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Assinatura do sujeito

Assinatura do pesquisador

Data

ANEXO 5**PESQUISA DE MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA****PUC-SP**

Este CD contém 24 faixas. Cada uma delas refere-se a um participante desta pesquisa, com duas gravações. Portanto, você ouvirá duas vozes de um mesmo sujeito.

Em cada item do protocolo você deverá assinalar, com um "x", se as vozes são iguais ou diferentes.

Caso sejam diferentes, assinale novamente com um "x" qual a melhor gravação: a primeira ou a segunda.

É possível ouvir as vozes quantas vezes julgar necessário.

Qualquer dúvida, entrar em contato com a pesquisadora.

Agradeço a sua valiosa colaboração.

Atenciosamente,
Fernanda M. A. Rodrigues

Tel.: (11) XXXX-XXXX

ANEXO 6

Sexo: ____ Feminino ____ Masculino
Idade: ____ **Escolaridade:** _____

Sujeito 1

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 2

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 3

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 4

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 5

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 6

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 7

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 8

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 9

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 10

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 11

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 12

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 13

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 14

() Iguais () Diferentes
 Caso sejam diferentes, a melhor é a: () Primeira () Segunda

Sujeito 15

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

Sujeito 16

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

Sujeito 17

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

Sujeito 18

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

Sujeito 19

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

Sujeito 20

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

Sujeito 21

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

Sujeito 22

Iguais Diferentes

Caso sejam diferentes, a melhor é a: Primeira Segunda

ANEXO 7

Protocolo de avaliação fonoaudiológica

Adaptado de FARGHALY e ANDRADE (2008)

Qualidade vocal

Adequada	Sim ()	não ()
Soprosa	Sim ()	não ()
Rouca	Sim ()	não ()
Abafada	Sim ()	não ()
Hipernasal	Sim ()	não ()
Hiponasal	Sim ()	não ()

Ataque vocal

Isocrônico	Sim ()	não ()
Brusco	Sim ()	não ()
Soproso	Sim ()	não ()

Pitch Vocal

Médio	Sim ()	não ()
Excessivamente Grave	Sim ()	não ()
Excessivamente Agudo	Sim ()	não ()

Loudness Vocal

Médio	Sim ()	não ()
Reduzido	Sim ()	não ()
Aumentado	Sim ()	não ()

Ressonância Vocal

Uso equilibrado	Sim ()	não ()
Foco hipernasal	Sim ()	não ()
Foco hiponasal	Sim ()	não ()
Foco nasal compensatório	Sim ()	não ()
Foco baixo	Sim ()	não ()
Foco posterior	Sim ()	não ()

Coordenação pneumo-fono-articulatória

Coordenação Presente	Sim ()	não ()
Incoordenação	Sim ()	não ()
Uso do ar de reserva	Sim ()	não ()

Articulação

Precisa	Sim ()	não ()
Travada	Sim ()	não ()
Imprecisa	Sim ()	não ()

Modulação

Rica	Sim ()	não ()
Reduzida	Sim ()	não ()
Excessiva	Sim ()	não ()

Ritmo de leitura

Adequado	Sim ()	não ()
Inadequado	Sim ()	não ()

ANEXO 8

FRASES – COORDENAÇÃO PNEUMOFONOARTICULATÓRIA

VIAJEI PARA BRASÍLIA.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS E PASSEAR DE AVIÃO.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS E PASSEAR DE AVIÃO E VISITAR A CASA DO PRESIDENTE.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS E PASSEAR DE AVIÃO E VISITAR A CASA DO PRESIDENTE E CONHECER PESSOAS NOVAS.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS E PASSEAR DE AVIÃO E VISITAR A CASA DO PRESIDENTE E CONHECER PESSOAS NOVAS E COMEMORAR MEU ANIVERSÁRIO.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS E PASSEAR DE AVIÃO E VISITAR A CASA DO PRESIDENTE E CONHECER PESSOAS NOVAS E COMEMORAR MEU ANIVERSÁRIO EM UM RESTAURANTE LEGAL DE COMIDA JAPONESA.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS E PASSEAR DE AVIÃO E VISITAR A CASA DO PRESIDENTE E CONHECER PESSOAS NOVAS E COMEMORAR MEU ANIVERSÁRIO EM UM RESTAURANTE LEGAL DE COMIDA JAPONESA E DANÇAR A NOITE TODA.

VIAJEI PARA BRASÍLIA PARA ENCONTRAR COM MEUS PAIS E PASSEAR DE AVIÃO E VISITAR A CASA DO PRESIDENTE E CONHECER PESSOAS NOVAS E COMEMORAR MEU ANIVERSÁRIO EM UM RESTAURANTE LEGAL DE COMIDA JAPONESA E DANÇAR A NOITE TODA MÚSICAS BEM ALEGRES E CONTAGIANTES.

ANEXO 9

AQUECIMENTO VOCAL

(KYRILLOS, 2004)

- Técnica de movimentos exagerados da musculatura facial – exercício de 1 minuto.
- Técnica de massagem na musculatura facial (músculo frontal, músculo orbicular do olho, músculo orbicular da boca, músculo bucinador e músculo mentoniano): exercício de 1 minuto .
- Técnica de som hiperagudo: exercício de produção da vogal sustentada “i” em falsete, por 10 vezes.
- Técnica de som basal: exercício de 1 minuto de sustentação da vogal “a”.
- Técnica de sons vibrantes: vibração continuada da língua, sem esforço, por 10 vezes.
- Técnica de fala mastigada: exercício de emissão vocal de som nasal /m/, associado a movimentos mastigatórios exagerados, por 1 minuto.

ANEXO 10**LOCUÇÃO – NOTÍCIA**

Todos os aeroportos do país operam normalmente para pousos e decolagens.

ANEXO 11

EXERCÍCIOS DE AMPLITUDE E PRECISÃO ARTICULATÓRIA

Exercício 1:

PRRA	TRRA	KRRA	BRRR	DRRA	GRRR
PRRÉ	TRRÉ	KRRÉ	BRRÉ	DRRÉ	GRRÉ
PRRÊ	TRRÊ	KRRÊ	BRRÊ	DRRÊ	GRRÊ
PRRI	TRRI	KRRI	BRRI	DRRI	GRRI
PRRÓ	TRRÓ	KRRÓ	BRRÓ	DRRÓ	GRRÓ
PRRÔ	TRRÔ	KRRÔ	BRRÔ	DRRÔ	GRRÔ
PRRU	TRRU	KRRU	BRRU	DRRU	GRRU

O mesmo foi realizado com os sons: /f/, /s/, /x/ e /v/, /z/, /j/

ANEXO 12

Exercício 2:

Há quatro quadros três e três quadros quatro. Sendo que quatro destes quadros são quadrados, um dos quadros quatro e três dos quadros três. Os três quadros que não são quadrados são dois dos quadros quatro e um dos quadros três.

Taquigrafia para quem não tem boa grafia. Bom taquígrafo não é bom grafador. Grafia por grafia, não tem a ver com serigrafia nem com monografia!

Um cabeleireiro maneiroso curou a cefaléia do barbeiro. Leiteiros, padeiros, quitandeiros e peixeiros levaram a bandeira ao eleitoreiro.

Mefistófeles Felestofisme fez com que Tomelefisse os Lesfemefistos e os Fisfementoles com os Femetofisles e os Tolesmefifes. Foi daí que nasceu um Metofisfeles Felestofismezinho.

Um pé de gabioba “bem gabiobadinho”, quem bem o desengabiobasse, bom desengabiobador seria.

Pablito plabito perguntou do problema do plebiscito ao padre ao presbítero de Pramalantina.

O peito de Pedro é preto, é preto o peito de Pedro. Se o peito de Pedro é preto, então é preto o peito do pé de Pedro.

Exercício 3:

A aranha arranha a rã.
A rã arranha a aranha.
Nem a aranha arranha a rã.
Nem a rã arranha a aranha.

Se cada um vai à casa de cada um
é porque cada um quer que cada um lá vá.
Porque se cada um não fosse à casa de cada um
é porque cada um não queria que cada um fosse lá.

O acróstico cravado na cruz de crisólidas da criança areana criada na creche é o credo católico.

O doce perguntou pro doce
Qual é o doce mais doce
Que o doce de batata-doce
O doce respondeu pro doce
Que o doce mais doce que
O doce de batata-doce
É o doce de batata-doce

Se o bispo de Constantinopla
a quisesse desconstantinoplatanilizar
não haveria desconstantinoplatanilizador
que a desconstantinoplatanilizaria
desconstantinoplatanilizadoramente

Alice disse que eu disse que ela disse que o que eu disse era um poço de tolice. Mas eu disse que não disse o que ela disse que eu disse que ela disse, e quem fez o disse-disse foi a dona Berenice.

Eu tagarelaria

Tu tagarelarias

Ele tagarelaria

Nós tagarelariamos

Vós tagarelariéis

Eles tagarelariam

ANEXO 13

LOCUÇÃO COMERCIAL

O restaurante Comida Boa convida você a conhecer a melhor feijoada da cidade. Quarta-feira é dia de feijoada especial no restaurante Comida Boa, estamos esperando você.
Restaurante Comida Boa, Rua das Maracás, cinquenta e dois. Telefone: 3667-1234

ANEXO 14

FRASES – ÊNFASES

Frase 1

Mude o quadro de posição.

Frase 2

Eu não fui à cidade hoje.

Frase 3

Olha a menina levando a comida para a criança.

Frase 4

Por favor: dois pães de queijo e um café.

Frase 5

Banco do Brasil: o banco do Brasil!

ANEXO 15

EXERCÍCIO – PAUSAS

Exercício 1

Deixo os meus bens a minha irmã não ao sobrinho jamais sera paga a conta do alfaiate nada aos pobres.

Exercício 2

A arte é uma religião secular e os artistas de vanguarda são os seus hereges. Se os heréticos da Idade Média buscavam abolir o papel da Igreja e realizar o paraíso na Terra, seus equivalentes no século 20 buscam o fim da separação social, confrontando política e cultura simultaneamente.

O Estado de SP, 1999.

ANEXO 16

TEXTO

O BOM E O MAU FÃ

Ser bom fã não é só gostar de ir ao cinema. É preciso também saber ir ao cinema. O sujeito, por exemplo, que senta muito longe da tela, tem para mim o estigma do mau fã. A dignidade é sentar nas dez primeiras filas, variando a distância conforme o cinema a que vai. Agora: da décima fila para trás é positivamente indigno. O grande traço do mau fã é falar no cinema. O indivíduo, ou indivíduo, que fala durante a projeção, merece a força. E há os de variegadas espécies. Há os que lêem alto os letreiros, e esses são a peste. Há os sonambúlicos, que murmuram contra o vilão, torcem pelo “mocinho”, avisando o herói do perigo que o espreita. No entanto, dentro do tipo em epígrafe, o mais irritante é o que chuchota histórias que nada tem a ver com o que está se passando ali. É uma especialidade de mulheres, que vão com amigas ao cinema, para fazer hora. “Porque dona fulaninha disse, patatá-patatá, nhé-nhé-nhé, au-au-au, ela está com um vestido, minha filha, um Amor!” Aí a gente vira a cabeça para trás, olha a faladeira, pensa mal dela, pigarreia e volta à posição normal. O chupador de caramelos é outro. É tchoc, tchoc, tchoc no ouvido da gente, como se estivesse andando na lama ou coisa parecida. E os casais enamorados, que desgraça! “Você gosta de mim?” “Gosto!” “Mas gosta mesmo?” “Mesmo!” “Muito?” “Muito!” “Mas jura?” “Juro, juro e juro, pronto, tá satisfeito?” Depois, dois suspiros fundos. E recomeça: “Mas você gosta mesmo?... Etc...”. A fauna é grande. Poderia citar muitos outros casos.

Vinícius de Moraes

ANEXO 17

TEXTO EXERCÍCIO DE VELOCIDADE, *LOUDNESS* E *PITCH*

Exercício 1:

Cuide das palavras que você profere, por que: Uma palavra impensada pode provocar a discórdia. Uma palavra cruel pode destruir uma vida. Uma palavra amarga pode provocar ódio. Uma palavra brusca pode romper um relacionamento. Uma palavra agradável pode suavizar o caminho. Uma palavra a tempo pode poupar um esforço. Uma palavra alegre pode iluminar o dia. Uma palavra com amor e carinho pode mudar uma atitude... Com uma palavra podemos perder Ou ganhar um amigo!

Exercício 2:

Morreu nesta noite o deputado Sérgio Castro, vítima de um tiro perdido em seu apartamento, na cidade do Rio de Janeiro. O enterro está previsto para hoje, às 16h no cemitério central do Rio de Janeiro.

Se você quer uma roupa branca como a neve, use o novo sabão em pó Luz do Dia. Você terá uma roupa tão branca, mas tão branca que irá brilhar como a luz do dia.

ANEXO 18

TEXTOS

Texto 1: DESEJO

“Desejo primeiro que você me ame,
E que amando, também seja amado.
E que se não for, seja breve em esquecer.
E que esquecendo, não guarde mágoa.
Desejo, pois, que não seja assim,
Mas se for, saiba ser sem desesperar.

Desejo também que tenha amigos,
Que mesmo maus e inseqüentes,
Sejam corajosos e fiéis,
E que pelo menos num deles
Você possa confiar sem duvidar.

E porque a vida é assim,
Desejo ainda que você tenha inimigos.
Nem muitos, nem poucos,
Mas na medida exata para que, algumas vezes,
Você se interpele a respeito
De suas próprias certezas.
E que entre eles, haja pelo menos um que seja justo,
Para que você não se sinta demasiado seguro.

Desejo depois que você seja útil,
Mas não insubstituível.
E que nos maus momentos,
Quando não restar mais nada,
Essa utilidade seja suficiente para manter você de pé.

Desejo ainda que você seja tolerante,
Não com os que erram, porque isso é fácil,
Mas com os que erram muito e irremediavelmente,
E que fazendo bom uso dessa tolerância,
Você sirva de exemplo aos outros.

Desejo que você, sendo jovem,
Não amadureça depressa demais,
E que sendo maduro, não insista em rejuvenescer
E que sendo velho, não se dedique ao desespero.
Porque cada idade tem o seu prazer e a sua dor e

É preciso deixar que eles escorram por entre nós.
Desejo por sinal que você seja triste,
Não o ano todo, mas apenas um dia.
Mas que nesse dia descubra
Que o riso diário é bom,
O riso habitual é insosso e o riso constante é insano.

Desejo que você descubra,
Com o máximo de urgência,
Acima e a respeito de tudo, que existem oprimidos,
Injustiçados e infelizes, e que estão à sua volta.

Desejo ainda que você afague um gato,
Alimente um cuco e ouça o joão-de-barro
Erguer triunfante o seu canto matinal
Porque, assim, você se sentirá bem por nada.

Desejo também que você plante uma semente,
Por mais minúscula que seja,
E acompanhe o seu crescimento,
Para que você saiba de quantas
Muitas vidas é feita uma árvore.

Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro,
Porque é preciso ser prático.
E que pelo menos uma vez por ano
Coloque um pouco dele
Na sua frente e diga "Isso é meu",
Só para que fique bem claro quem é o dono de quem.

Desejo também que nenhum de seus afetos morra,
Por ele e por você,
Mas que se morrer, você possa chorar
Sem se lamentar e sofrer sem se culpar.

Desejo por fim que você sendo homem,
Tenha uma boa mulher,
E que sendo mulher,
Tenha um bom homem
E que se amem hoje, amanhã e nos dias seguintes,
E quando estiverem exaustos e sorridentes,
Ainda haja amor para recomeçar.
E se tudo isso acontecer,
Não tenho mais nada a lhe desejar".

Victor Hugo

Texto 2: VALSA

Tu, ontem, na dança que cansa, voavas, Co'as faces em rosas formosas de vivo, lascivo carmim.

Na valsa tão falsa, corrias, fugias, ardente, contente, tranqüila, serena, sem pena de mim!

Quem dera que sintas as dores de amores que louco senti!

Quem dera que sintas!...

- Não negues, não mintas... – Eu vi!...

Valsavas: - Teus belos cabelos, já soltos, revoltos, saltavam, voavam, brincavam no colo que é meu;

E os olhos escuros tão puros, os olhos perjuros volvias, tremias, sorrias pra outro não eu!

Quem dera que sintas as dores de amores que louco senti!

Quem dera que sintas!... – Não negues, não mintas... – Eu vi!...

Meu Deus eras bela, donzela, valsando, sorrindo, fugindo, qual silfo risonho que em sonho nos vem!

Mas esse sorriso tão liso que tinhas nos lábios de rosa, formosa, tu davas, mandavas a quem!?

Quem dera que sintas as dores de amores que louco senti!

Quem dera que sintas!...

- Não negues, não mintas... – Eu vi!...

Calado, sozinho, mesquinho, em zelos ardendo, eu vi-te correndo tão falsa na valsa veloz!

Eu triste vi tudo!

Mas mudo não tive nas galas das salas, nem falas, nem cantos, nem prantos, nem voz!

Quem dera que sintas as dores de amores que louco senti!

Quem dera que sintas!... – Não negues, não mintas... – Eu vi!...

Na valsa cansaste; ficaste prostrada, turbada!

Pensavas, cismavas e estavas tão pálida.

Então, qual pálida rosa mimosa, no vale do vento cruento, batida, caída, sem vida no chão!

Quem dera que sintas as dores de amores que louco senti!

Quem dera que sintas!... – Não negues, não mintas... – Eu vi!...